



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **155**
JUNHO 2014



Amanhã será melhor
Teatro para a inclusão social

4

Amanhã será melhor

Entre bairros considerados “difíceis”, como o da Quinta da Fonte, o Teatro IBISCO mostra como mudar atitudes, mas também como olhar para o futuro com otimismo. O novo departamento educativo do teatro, apoiado pelo PARTIS, está agora a trabalhar com os mais novos e a encantar crianças e jovens como Ibrahim (na foto), que acredita que “mesmo a viver numa fase difícil, podemos ajudar-nos uns aos outros e compreender melhor o que é a vida com a ajuda do teatro”.



Júlio Resende na apresentação da temporada 14/15 © Mária Lessa

10

Nova temporada Gulbenkian Música

A temporada 14/15 celebra este ano o **cinquentenário do Coro Gulbenkian**. Depois do Jazz em Agosto, a Gulbenkian Música reinicia a programação regular em setembro com inúmeros espetáculos e algumas novidades, como a realização dos Concertos Participativos em que o público será convidado a experimentar a emoção de cantar num coro. Os melhores vão juntar-se ao Coro e à Orquestra Gulbenkian, a 30 de novembro no palco do Grande Auditório, para interpretar a obra monumental de Carl Orff – Carmina Burana.

21

Descobrir para quem ensina

Uma nova área focada na comunicação com os professores, com materiais multimédia e outros, está agora disponível no *site* do Programa Descobrir. Aqui, podem-se encontrar vídeos sobre a criação de livros de autor ou jogos interativos que pegam nos sons do Jardim Gulbenkian e os transformam numa espécie de puzzle auditivo. Para professores e todos os que quiserem aceder a estes conteúdos em www.descobrir.gulbenkian.pt

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 155.JUNHO.2014 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | DESIGN José Teófilo Duarte |
Eva Monteiro | João Silva [DDLX] REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | IMAGEM DA CAPA Ensaios do Teatro IBISCO © Mária Lessa |
IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 |
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



In-Organic © Manuel Vason

27

Próximo Futuro: a América Latina no horizonte

Este ano, a programação do Próximo Futuro acontece em junho e em setembro. De 20 a 22 deste mês, haverá debates sobre a literatura e os pensadores da América Latina, a música de Carmen Miranda revista pelo Real Combo Lisbonense, a estreia do novo filme de Margarida Cardoso e um Baile na garagem da Fundação Gulbenkian. A completar o programa, a exposição *Artistas Comprometidos? Talvez*. é inaugurada no dia 20, às 22h.



Joseph Mallord William Turner (Londres, 1775-1851), *Plymouth com Arco-Íris*, Inglaterra, c. 1825

29-39

Seis novas exposições

Artistas contemporâneos, de várias formações e universos, e um leque diversificado de áreas vão estar em foco nas exposições programadas pelo Centro de Arte Moderna para este verão – **Edgar Martins**, **Túlia Saldanha** e **André Guedes**, bem como o cruzamento de artistas dinamarqueses, austríacos e portugueses em **Daqui parece uma Montanha**. O Museu Calouste Gulbenkian apresenta um conjunto de desenhos e aguarelas da Coleção de Calouste Gulbenkian em **O Traço e a Cor**, enquanto o **Próximo Futuro** mostra obras de mais de duas dezenas de artistas europeus, africanos e latino-americanos, na exposição *Artistas Comprometidos? Talvez*.

índice

primeiro plano

4 **Amanhã será melhor**

notícias

10 **Gulbenkian Música – a nova temporada**

14 **Ideias de origem portuguesa**

16 **Programa Cidadania Ativa**

17 **O futuro da Segurança Social**

17 **Inventive Foundation**

18 **Investigador do IGC ganha prémio Nikon**

18 **Inspirar Ciência para professores**

19 **Proteger as plantas do zinco tóxico**

19 **Um novo blogue científico**

20 **Famelab: a ciência explicada por palavras e gestos**

21 **Descobrir para quem ensina**

22 breves

bolsheiros gulbenkian

24 **Amâncio Oliveira**

em junho

27 **Próximo Futuro: a América Latina no horizonte**

exposições

29 **Artistas comprometidos?**

30 **A impossibilidade poética de conter o Infinito**

34 **Daqui parece uma montanha**

36 **O Traço e a Cor**

38 **Meeting Point**

39 **Arshile Gorky e a Coleção**

39 **Túlia Saldanha**

39 **Prospecto, Cena III, Intervalo e Cena IV**

40 novas edições

41 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

Uma obra

42 **Garden of Wish Fulfilment**





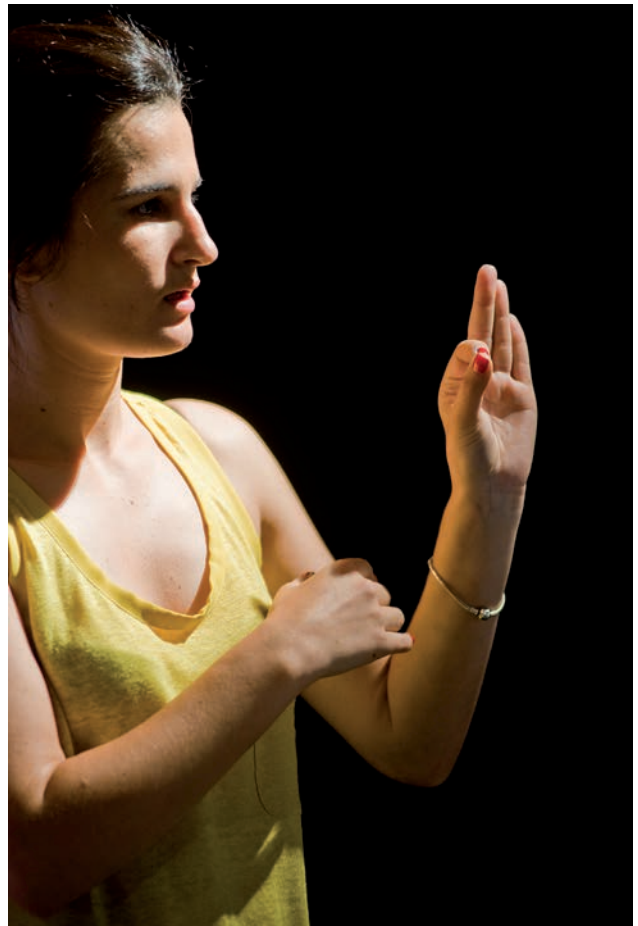
Ensaaios do IBISCO-DE © Márcia Lessa

Amanhã será melhor Teatro para a inclusão social

O Teatro IBISCO usa esta arte como forma de combate à exclusão social e para resolver conflitos em bairros considerados problemáticos. Com o apoio do Partis – Práticas Artísticas para Inclusão Social, o Teatro IBISCO conta agora, em Loures, com um departamento educativo onde os mais novos expõem e abordam os seus problemas do dia a dia, sempre com uma visão otimista para o futuro. O teatro abre horizontes e mostra-lhes que o futuro pode ser melhor.

A Quinta da Fonte já foi notícia de abertura dos telejornais. Rixas entre grupos rivais, tiroteios, intervenção policial. Ao chegar, apercebemo-nos das marcas deixadas pela crise económica, pelos anos de pobreza e criminalidade, bem visíveis nos rostos dos moradores e nas fachadas dos prédios. Depois da entrada no bairro, avançando por uma pequena estrada de terra, encontra-se uma espécie de oásis onde se trabalha em comunidade e se aprende a entreajuda – o espaço do **Teatro IBISCO**.

IBISCO – **Interbairros para a Inclusão Social e Cultura do Otimismo** – é a denominação dada à associação que se instalou às portas da Quinta da Fonte há quatro anos. Tudo começou em 2009, depois da época de conflitos que culminou com um tiroteio entre os habitantes deste bairro e um vizinho rival, a Quinta do Mocho. Nessa altura, **Miguel Barros**, diretor artístico do IBISCO, foi convidado para dinamizar um *workshop* de teatro na Quinta do Mocho, e dessa primeira experiência ficou clara a ideia de que os conflitos não poderiam ser resolvidos sem a participação dos envolvidos, daqueles que os criavam e os mantinham vivos. A ideia parecia ousada, arriscada até, ao juntar jovens de bairros rivais através do teatro, mas a verdade é que, depois de uns *workshops* mais alargados, pareceu ser uma ideia com “pernas para andar”. Assim, a Câmara Municipal de Loures decidiu ceder o espaço do teatro à associação e, em 2010, o Teatro IBISCO instalou-se na Quinta da Fonte.



Catarina Aidos, encenadora no Teatro IBISCO © Márcia Lessa



Eduíno © Márcia Lessa

Dentro do teatro, a trabalhar com os atores, está **Catarina Aidos**. A sua relação com o bairro é íntima. Ao caminhar pelas ruas quase todos lhe lançam um “olá, professora”; volta não volta, cruza-se com um miúdo mais pequeno e pergunta-lhe: “Já fizeste o trabalho para amanhã?” A Catarina é encenadora no IBISCO e professora na escola local, por isso mantém um contacto quase constante com os jovens da Quinta da Fonte. Deste modo, também vai percebendo as necessidades das pessoas e as preocupações do momento, o que lhe permite ir pensando nas melhores formas de abordar estas situações, quase sempre com o teatro como ferramenta principal.

“É uma incubadora de cidadania” – é assim que Catarina Aidos se refere ao Teatro IBISCO. Aqui, os jovens de vários bairros de Loures juntam-se e contracenam uns com os outros, mas não existem fórmulas mágicas. “O fundamental é chegar às pessoas e às suas memórias, às suas preocupações e às suas vidas”, diz Catarina. Por isso, não existem guiões, não existem personagens pré-definidas.

Numa primeira fase, há uma etapa de aquecimento e trabalho de grupo. Os atores ganham consciência dos seus corpos, ganham consciência de si e das outras pessoas e,



© Márcia Lessa

assim, ficam a conhecer-se melhor e aos outros. Numa segunda fase, há as improvisações: o grupo é dividido em partes mais pequenas e é lançado um tema que tenha surgido no aquecimento e que esteja na ordem do dia no bairro. Aqui, fala-se de medos, do que está a acontecer. Segundo Catarina, os resultados são visíveis: “Vemos que se tornam mais cidadãos, mais conscientes e capacitados. Percebem o que é isto do conflito e o porquê do conflito.”

CULTURA DO OTIMISMO

Todas estas ações têm uma coisa em comum: o otimismo. Há a procura constante de uma solução para os problemas que surgem, mas a resposta tem de vir dos próprios atores. “Não basta dizer ‘há um rapaz na escola que me bate’ ou ‘chego a casa e o meu pai está a bater na minha mãe’, ou até ‘passo os dias sozinha porque não gosto de mim’”, refere Catarina. “Isto não chega, é preciso olhar para estas situações e ultrapassar o medo, procurar soluções.” O otimismo tornou-se assim a melhor forma de abordar problemas complicados, uma esperança de que as coisas poderão correr melhor, mas apenas se procurarmos uma solução. Os desafios nunca são iguais e nunca têm uma resposta preconcebida. “Por exemplo, ontem, nos ensaios, disseram-

-nos uma coisa extraordinária”, conta Catarina, referindo o momento em que um jovem lhes perguntou: “Vim para Portugal para fugir a uma guerra que não era a minha e chego aqui e dizem-me que não sou desta terra. Então onde é que eu pertença?” São estas dúvidas e perguntas que estão na base do trabalho efetuado no teatro e, a partir delas, tentam obter respostas e soluções, sempre num ambiente de entreajuda e respeito.

A AVENTURA DOS KODÉS

O **Eduíno** é um exemplo do sucesso desta metodologia. Agora, está a gerir o Bar da Fonte, um edifício abandonado transformado num espaço comunitário, decorado por grafites coloridos e onde há um bar, uma sala de estudos e uma galeria de arte – um dos vários projetos que nasceram do IBISCO e que funcionam paralelamente ao teatro. Sorridente, explica-nos como a associação o tem ajudado. A título de exemplo, diz-nos: “O teatro ajuda-nos a perceber como é que devemos ir para o emprego, como nos devemos vestir e simulamos pequenas entrevistas de emprego.” O Eduíno também tem ajudado na mais recente aventura do IBISCO, o IBISCO-DE. O “DE” significa departamento educativo, mas não só. Os *kodés* (de **IBISCO-DE**), em crioulo, são



© Marcia Lessa



© Marcia Lessa



Ibrahim sonha ser ator desde que participa no IBISCO-DE © Márcia Lessa

os irmãos mais novos, os mais pequenos da família, e são eles os contemplados desta nova iniciativa apoiada pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano através do **Partis – Práticas Artísticas para Inclusão Social**. Os princípios são os mesmos, a integração social promovida graças à ajuda do teatro, mas aplicada aos mais jovens. No entanto, o *Kodé*, como os miúdos carinhosamente apelidam o programa, apresenta mais duas vertentes. A primeira é a fruição cultural – levar estas crianças para fora do bairro e a viver novas experiências culturais. A outra é o ciclo *Mukur, Mukur*. A palavra *mukur* significa silêncio e o ciclo constrói-se de peças de teatro criadas a partir de histórias da tradição oral africana e culminará na construção de um livro-objeto com algumas dessas histórias. Foi nesta parte do projeto que Eduíno esteve mais presente. Regressou recentemente de uma viagem à Guiné, onde esteve a ouvir histórias que não se encontram escritas, e trouxe-as de volta para Portugal. Vai contá-las aos mais novos do seu bairro, para que, por sua vez, estes contem as histórias aos seus pais e ouçam outras que não conheciam, enriquecendo assim a comunidade do bairro.

Os nomes das iniciativas, as histórias que estarão no livro e as peças de teatro nem sempre são em português. Catarina Aidos explica: “Eu não posso pedir aos *kodés* que sejam honestos nas suas criações de histórias se os obrigar a falar em português quando eles não pensam em português, não respiram em português. Muitas vezes pensam em crioulo ou em manjaco, por exemplo.” Assim, ao longo de uma peça do IBISCO podemos ouvir intervenções em várias línguas, dependendo da que estiver mais próxima do ator que a estiver a contar.

Este departamento educativo do IBISCO foi criado para abordar preventivamente os problemas e os conflitos que aparecem no bairro, mas, acima de tudo, nasceu de uma vontade da própria comunidade. Quando jovens como o Eduíno estavam a ensaiar, os miúdos do bairro iam para a porta atirar pedras ao teatro, numa espécie de pedido de ajuda, ao qual chegou agora uma resposta. O momento é complicado, mas perante o que tem visto, Catarina acredita que as coisas vão melhorar: “Não é fácil. Não é nada fácil ser *kodé* aqui, mas pode ser melhor e é isso que eles estão a aprender. Ou, se calhar, é isso que eles me estão a ensinar aqui, em palco.”



PARAR DE DAR SANGUE

E os jovens atores preparam-se para subir ao palco. Com idades que vão dos sete aos 14 anos, **Ibrahim, Isabel e Inês** estão a trabalhar com o **IBISCO** depois das aulas. Todos falam de sorriso na cara quando contam aquilo que têm experienciado no teatro. Os ensaios começam a intensificar-se, não falta muito para a primeira apresentação da peça em que estão a trabalhar, no dia 1 de Junho. *A escola ou a guerra* é o título, diz Inês, e debruça-se sobre temas que eles enfrentam diariamente, como “dar sangue”. “*Dar sangue* não é ir ao hospital e dares o teu sangue a outra pessoa que tem sangue igual” explicam-nos. “*Dar sangue* é quando picas alguém para ir bater noutra pessoa.” A prática é comum na escola, o incentivo à violência entre os miúdos

tornou-se assim uma das temáticas que eles abordam nas suas improvisações e que vai ter um lugar na peça que é construída a partir dessas experiências.

Os resultados do trabalho feito com os *kodés* começam a aparecer, Catarina e Eduíno não têm dúvidas. “Há transformações na escola. Não são mudanças nas notas, mas há menos confusões no recreio e na sala de aula”, diz Catarina. “Já não *dão sangue*”, completa o Eduíno.

Do lado dos próprios *kodés*, parece que o teatro lhes deu uma nova esperança. Ibrahim, emocionado, explica: “Quero ser ator e quero mostrar às pessoas que, mesmo a viver numa fase difícil, nós podemos ajudar-nos uns aos outros e compreender melhor o que é a vida com a ajuda do teatro. Quero dizer isto às pessoas.” ■



Gulbenkian Música

a nova temporada

Coro Gulbenkian © Mária Lessa



Michel Corboz © Mária Lessa

*A Gulbenkian Música 14/15 terá como pano de fundo os **50 anos do Coro Gulbenkian**. Formado dois anos depois da Orquestra Gulbenkian, sob a direção artística de Olga Violante, o Coro estreou-se a 27 de maio de 1964, na Igreja de São Vicente de Fora no VIII Festival Gulbenkian de Música. Assumindo a direção artística do coro em 1969, o maestro **Michel Corboz** mantém-se no cargo 45 anos depois. **Jorge Matta**, maestro-adjunto e **Paulo Lourenço**, recém-nomeado maestro assistente, completam a equipa responsável pelo Coro Gulbenkian, uma formação que há meio século contribui para prestigiar a Fundação Gulbenkian e o país.*



Paul McCreech © Wratislavia Cantans



Esa-Pekka Salonen © Clive Barda

O **concerto comemorativo** do cinquentenário do Coro Gulbenkian (6/7 nov) vai incluir o *Requiem* de Mozart, uma cantata de Handel e a estreia mundial de uma obra dedicada ao coro composta por Eurico Carrapatoso sobre quatro poemas de Camilo Pessanha. Haverá ainda um domingo de **Portas Abertas** (9 nov) com um programa variado de concertos, ensaios abertos, oficinas, filmes e a participação de vários coros convidados.

Neste ambiente de celebração, o público será convidado a experimentar a emoção de cantar num coro. Após uma seleção através de audições a realizar no mês de junho (inscrições *online* até dia 15), e de um período de preparação, os coralistas serão convidados a juntar-se ao Coro e à Orquestra Gulbenkian dando a ouvir a monumental *Carmina Burana*, de Carl Orff (30 nov) no palco do Grande Auditório. Este modelo de concerto tem sido experimentado em Espanha com muito êxito pela Fundació “La Caixa”, instituição com a qual a Fundação Calouste Gulbenkian mantém um protocolo em vários campos.

Ao longo da temporada, o Coro Gulbenkian terá, naturalmente, uma presença reforçada interpretando algumas peças marcantes do repertório coral-sinfónico como as referidas peças de Orff e Mozart, o *Requiem* de Verdi, o *War Requiem* de Benjamin Britten, o *Elias* de Mendelssohn, a Missa em Sol menor de Johann Sebastian Bach, a Missa Solene de Beethoven, *Dixit Dominus* de Georg Friedrich Handel e obras desconhecidas como o *Te Deum* de Jerónimo Francisco de Lima (primeira audição moderna).

ORQUESTRA GULBENKIAN

Como habitualmente, a temporada assentará na Orquestra Gulbenkian que vai interpretar um conjunto variado de concertos, abarcando diversos repertórios, a maioria dos

quais dirigidos por Paul McCreech, o seu diretor artístico, mas também sob a batuta de Susanna Mälkki, maestrina convidada principal e de Joana Carneiro e Pedro Neves, maestros convidados.

Esa-Pekka Salonen regressa para dirigir a Orquestra Gulbenkian, que, ao longo da temporada, será também conduzida por maestros como Teodor Currentzis, David Afkham, Ainars Rubikis, Frédéric Chaslin, ou Jakub Hrusa. Magnus Lindberg dirigirá a Orquestra apresentando, em estreia absoluta, obras que resultaram de um *workshop* realizado no âmbito da European Network of Opera Academies (ENOA).

Uma das grandes novidades este ano será a exibição do filme *2001 Odisseia no Espaço* de Stanley Kubrick com música ao vivo interpretada pelo Coro e Orquestra Gulbenkian, dirigidos por Robert Ziegler (7 e 8 maio).

Quanto ao repertório operático este ano será apresentada uma versão semi encenada de *As Bodas de Figaro* de Mozart, com a Orquestra Gulbenkian dirigida por Paul McCreech (30 janeiro e 1 fevereiro).



Mitsuko Uchida © Decca Justin Pumfrey

Menos conhecida é *Le pré aux clercs* (8 abril), uma ópera de Ferdinand Hérold, compositor que morreu em 1833, menos de um mês antes da sua estreia, não conhecendo o retumbante sucesso da obra baseada no livro *Chronique du Temps de Charles IX*, de Prosper Mérimée.

O ator Diogo Infante será o narrador das *Sete últimas palavras de Cristo na Cruz*, uma peça com música de Joseph Haydn, encenada por Jean-Philippe Clarac & Olivier Deloeuil, interpretada pela Orquestra Gulbenkian dirigida por McCreesh (5 e 6 março).

CICLO DE PIANO, KARITA MATTILA E JOSEPH CALLEJA

O ciclo de piano trará de volta intérpretes como Radu Lupu, Grigory Sokolov, Murray Perahia, Evgeny Kissin, Andrés Schiff, Piotr Anderszewski, Sequeira Costa, Artur Pizarro, Pierre-Laurent Aimard, introduzindo a estreia de Daniil Trifonov no palco do Grande Auditório. Mitsuko Uchida atua pela primeira vez a solo e outros pianistas juntam-se à Orquestra Gulbenkian, como Elisabeth Leonskaja, Stephen Hough, Paul Lewis ou Mário Laginha.

Para além de uma atuação a solo, o pianista Andrés Schiff tocará também com a Cappella Andrea Barca, o *ensemble* que criou e cujo nome consiste numa tradução literal para italiano do seu próprio nome.

O tenor maltês Joseph Calleja (21 novembro) e a soprano alemã Annette Dasch estreiam-se no Grande Auditório, enquanto a grande soprano finlandesa Karita Mattila regressa à Gulbenkian Música para interpretar árias de ópera (13 e 14 novembro).

Destaque ainda para as atuações da violinista Alina Ibragimova e da violoncelista Natalia Gutman, com programas totalmente dedicados a J. S. Bach e para o programa



Alina Ibragimova

de Música Antiga com a Orquestra e Coro Divino Sospiro, a interpretar a oratória *Gioas, re di Giuda* de Pedro António Avondano e o Ludovice Ensemble com um programa inspirado em Terpsícore, a musa grega da dança. A formação Il Pomo d'oro, com o violinista Dimitry Sinkovsky, apresenta obras de Scarlatti e Vivaldi.

JOVENS ESTRELAS EM DESTAQUE

A abertura da temporada vai caber à Orquestra XXI, uma formação composta por jovens instrumentistas portuguesas a tocar em Orquestras estrangeiras e que em 2013 recebeu o primeiro prémio do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, promovido pela Fundação Gulbenkian.

Presença habitual e sempre saudada é a da Orquestra Juvenil Gustav Mahler que volta a fixar residência na Fundação Gulbenkian, sendo dirigida pelos maestros Leo McFall e Jonathan Nott.

Jovens virtuosos passarão também pela segunda edição do programa Rising Stars, uma iniciativa da Echo (European Concert Hall Organisation), e que este ano contará com a presença do Quarteto de Cordas de Matosinhos, formação escolhida em conjunto pelos diretores artísticos da Fundação Gulbenkian e da Casa da Música e que, tal como os outros eleitos, vão atuar nas principais salas de espetáculos europeias.

Por outro lado, a Gulbenkian Música mantém a colaboração com o Festival Jovens Músicos (uma parceria com a RTP e a Antena 2), iniciativa que abre mais uma vez as suas portas à celebração dos novos talentos da música nacional. Prossegue também o Estágio Gulbenkian para Orquestra desenvolvido com jovens músicos, dirigido pela maestrina Joana Carneiro.



Karita Mattila © Marica Rosengard



Joseph Calleja © DR

MÚSICAS DO MUNDO

O ciclo Músicas do Mundo abre este ano, no Anfiteatro ao Ar Livre com o espetáculo *Fado e Further*, um diálogo entre fado e flamengo protagonizado por Júlio Resende com as vozes de Gisela João e de Sílvia Pérez Cruz. Um outro diálogo será proposto, desta vez entre as culturas persa e anatoliana, com a atuação dos músicos Kayhan Kalhor e Erdal Erzincan. O Brasil estará em foco neste ciclo através, por um lado, da cantora Adriana Calcanhoto, e, por outro, de José Miguel Wisnik que, com o guitarrista Arthur Nestrovski, apresenta o espetáculo *Mortal Loucura*.

Adriana Calcanhoto será também a narradora de *Pedro e o Lobo* de Sergei Prokoviev, num Concerto de Domingo para famílias, no qual interpretará As Canções de Partimpim.

O Ciclo Músicas do Mundo vai trazer ainda o músico tunisino Anouar Brahem cuja linguagem ancora nas tradições musicais árabes e islâmicas, bem como o quarteto ucraniano DakhaBrakha que parte de melodias tradicionais do seu país recolhidas em aldeias onde sobrevivem algumas dessas expressões, transformando-as num “caos étnico”.

O Kronos Quartet surge também incluído neste ciclo, no âmbito da digressão comemorativa dos seus 40 anos de atividade, em que interpretará a música de Carlos Paredes.

TEATRO/MÚSICA

O ciclo Teatro/Música arranca com uma insólita versão de *Macbeth* de Giuseppe Verdi adaptada pelo compositor belga Fabrizio Cassol, para os doze músicos da No Borders Orchestra e para um elenco de onze cantores de ópera da África do Sul. O resultado é uma história intemporal de paixão, bruxaria e fome de poder, no contexto das guerras civis e da exploração insaciável do continente africano.



Owen Metsileng em *Macbeth* © Nicky Newman



Dakha Brakha © Vadim Kulikov

Destacam-se ainda, neste ciclo, dois espetáculos concebidos e protagonizados pela violoncelista francesa Sonia Wieder-Atherton. O primeiro, *The Night Dances*, cruza poemas de Sylvia Plath com as suites para Violoncelo n.º 1 e n.º 2 de Benjamin Britten. Os poemas serão declamados pela atriz inglesa Charlotte Rampling. A outra obra, *Odisseia para Violoncelo e Coro Imaginário* com música de Aperghis, J. S. Bach, Granados, Prokofiev, Bellini e Schumann encerra um tríptico iniciado pela obra *Cantos Judeus e Cantos do Oriente*. O duo Jonathan Burrows & Matteo Fargion marcará também presença neste ciclo apresentando, num fim-de-semana, uma seleção das suas criações mais relevantes dos últimos dez anos.

SEMANA DA CULTURA ARMÉNIA

Destaca-se ainda, nesta temporada, a Semana da Cultura Arménia que se realiza em Outubro e que vai reunir compositores e instrumentistas de uma das mais antigas civilizações cristãs do Oriente, pátria de Calouste Gulbenkian, culminando com o espetáculo *Espírito da Arménia* do músico catalão Jordi Savall (19 outubro). A programação não evoca apenas o passado tradicional arménio, abrindo também portas a compositores contemporâneos e a jovens intérpretes.

Além dos vários ciclos, a Gulbenkian Música continuará a transmitir as óperas da Metropolitan Opera de Nova Iorque, com uma programação já anunciada. ■

Mais informações em www.musica.gulbenkian.pt



Ideias de Origem Portuguesa

No dia 6 de junho será anunciado o vencedor da terceira edição do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa (FAZ-IOP), o concurso de ideias de empreendedorismo social promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigido à diáspora portuguesa. O prémio, no valor de 50 mil euros, é inteiramente destinado ao financiamento dos projetos, dos quais 25 mil euros serão atribuídos ao vencedor, 15 mil euros ao segundo lugar e 10 mil euros ao terceiro.

O anúncio será feito no final de um dia dedicado a discutir o empreendedorismo, a criação de valor e as indústrias criativas na diáspora portuguesa, e no qual serão também anunciados os vencedores do Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa, promovido pela Cotec. O encontro FAZ começará com um debate sobre “Empreendedorismo e criação de valor na diáspora”, onde serão apresentados vários exemplos de França, Reino Unido, Suécia e Portugal. A tarde será dedicada à discussão sobre as indústrias criativas e, às 16h45, Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, e João Bento, presidente da Direção da Cotec, anunciarão os vencedores dos prémios das duas iniciativas, na presença do Presidente da República.

O concurso FAZ-IOP

Esta edição do FAZ-IOP recolheu 64 novas ideias de empreendedorismo social, envolvendo 248 participantes de 22 países. Deste universo foram selecionadas 10 equipas finalistas, que estarão entre os dias 3 e 5 de junho na Fundação Gulbenkian a receber formação intensiva do Instituto de Empreendedorismo Social, à semelhança do que aconteceu nos anos anteriores.

Entre os participantes neste *workshop* estarão portugueses residentes nos mais variados pontos do globo, como o Brasil, a Arábia Saudita, o Qatar, os Estados Unidos da América, a Venezuela ou Moçambique, para além de muitos outros provenientes de várias cidades europeias.

Lançado em 2010 pela Fundação Gulbenkian, o IOP surgiu como movimento destinado a apoiar projetos nas áreas do Ambiente e Sustentabilidade, Diálogo Intercultural, Envelhecimento e Inclusão Social. A ideia do arquiteto José Paixão, então residente em Viena, de reabilitação a custo zero de edifícios devolutos, foi a vencedora da primeira edição, sendo o projeto Arrebita!Porto uma realidade nos dias de



O Presidente da República com os vencedores da edição 2013, projeto Orquestra XXI © Márcia Lessa

hoje. No ano passado, os projetos vencedores foram a criação de uma orquestra formada por jovens músicos portugueses a residir no estrangeiro – a Orquestra XXI (que abre, este ano, a

temporada de música da Fundação Gulbenkian) –, e ainda os projetos Fruta Feia e Rés do Chão. ■

Encontro FAZ – Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa

6 junho | Auditório 2

10h10 Abertura

10h20 Empreendedorismo e criação de valor na diáspora

Ana Antunes (AGRAFr, França)
Isabel Melo (Grupo Mentaur, Reino Unido)
Isabel Soares (Fruta Feia, Portugal)
João Gomes (Solarus, Suécia)
José Rodrigues Correia (J’Oceanne, França)
 Moderador: **Pedro Santos Guerreiro** (jornal Expresso)

11h30 Global business services, uma estratégia para Portugal

Ana Tavares, Canon, Vice-Presidente (EUA)

12h Encontros bilaterais

12h30 Get together – a creative challenge

14h30 As indústrias criativas e a diáspora portuguesa

Ana Romero (Romero Collection, Suíça)
Cristóvão Fonseca (Les Films de l’Odyssée, França)
Paulo Martins Barata (Promontório, Portugal)
Rúben Alves (França)
 Moderadora: **Paula Moura Pinheiro**

15h30 Encontros bilaterais/Visita à exposição

16h30 Foto de família

16h45 Cerimónia de entrega dos prémios FAZ

Intervenções

Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian,
Artur Santos Silva
 Presidente da Direção da COTEC, **João Bento**
 Presidentes dos júris
 Vencedores dos prémios
 Discurso de encerramento
 do **Presidente da República**



Um dos projetos apoiados pelo Programa Cidadania Ativa

Programa Cidadania Ativa Mais de 400 candidaturas

Os concursos de 2014 do Programa Cidadania Ativa, criado pela Fundação Gulbenkian para apoiar a sociedade civil através da gestão de fundos do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants), receberam um total de 425 candidaturas, um número superior às 364 de 2013. Na elaboração destas candidaturas estiveram envolvidas cerca de 770 entidades da sociedade civil.

Em 2014, estão disponíveis 4,5 milhões de euros para apoios, sendo que mais de metade desse montante se destina a apoiar projetos relacionados com a Empregabilidade e a Inclusão dos Jovens, novas áreas do Programa Cidadania Ativa, a que se atribui uma prioridade muito especial. No total das candidaturas recebidas, 149 propõem desenvolver projetos nestas áreas.

Com o objetivo de dinamizar a intervenção da sociedade civil na resposta a problemáticas como o desemprego jovem, o abandono escolar e os jovens em risco, o Programa

Cidadania Ativa apela para que as organizações não governamentais (ONG) estabeleçam parcerias, com empresas privadas e parceiros internacionais, para ajudar a encontrar soluções que se revelem inovadoras e mais eficazes para as dificuldades que os jovens enfrentam hoje na integração no mercado de trabalho. A taxa de desemprego entre os jovens permanece acima dos 35 por cento em Portugal, a terceira mais elevada de toda a União Europeia, a seguir a Espanha e Itália.

Até ao final de julho, todas as candidaturas para os concursos de 2014 deverão ser analisadas e avaliadas. Os projetos a selecionar juntar-se-ão aos 54 projetos já em execução, apoiados no âmbito dos concursos de 2013. Prevê-se que, no segundo semestre de 2014, o Programa Cidadania Ativa tenha contratualizado apoios a cerca de 100 projetos promovidos por ONG portuguesas. ■

www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt

O futuro da Segurança Social

No dia **6 de junho**, a Fundação Calouste Gulbenkian recebe mais uma conferência do ciclo Sextas da Reforma, uma parceria com o Conselho das Finanças Públicas e o Banco de Portugal. “Segurança Social: Que Futuro?” é o tema da intervenção de **Margarida Corrêa de Aguiar**, diretora do Banco de Portugal, e terá como comentadores o deputado **Pedro Marques** e **Miguel Teixeira Coelho**, da Universidade Lusíada. Margarida Corrêa de Aguiar é autora de vários artigos sobre a Segurança Social e docente em disciplinas ligadas à Gestão, Segurança Social e Economia Social.

O Auditório 3 receberá assim, às **16h**, pela décima primeira vez, o ciclo que teve início em abril do ano passado e que tem realçado a importância de uma reforma abrangente na administração pública portuguesa, através de conferências onde se procura estimular o surgimento de soluções concretas adaptadas à realidade do nosso país, tendo sempre em conta os melhores exemplos internacionais.

A anterior conferência, realizada a 23 de maio, teve como convidado o antigo ministro da Educação e atual administrador da Fundação Gulbenkian, Eduardo Marçal Grilo. Ao falar de *Compromissos na Educação*, Marçal Grilo defendeu a necessidade de ultrapassar divergências e de atingir compromissos partidários quanto ao futuro da Educação em Portugal. Referindo que a palavra reforma no setor educativo não é bem vista por pais e professores, cansados de tanta reforma relacionada apenas “com o objetivo político de fazer diferente, quantas vezes para pior, em relação ao



Eduardo Marçal Grilo © Mária Lessa

que foi feito pelos governos anteriores”, Marçal Grilo propôs que os dois maiores partidos – PSD e PS – sentem os seus melhores quadros à mesa das negociações e se entendam quanto a um compromisso futuro para a educação em Portugal. E avançou com os 11 temas fundamentais para o entendimento partidário, que vão desde o desenho da Rede Escolar para o básico e secundário até à internacionalização do Ensino Superior, transformando-o em “produto de exportação” (intervenção completa em www.gulbenkian.pt) A entrada para o ciclo Sextas da Reforma é livre, mas todos os interessados em assistir devem inscrever-se previamente em www.bportugal.pt. ■

Inventive Foundation

O UK Branch da Fundação Calouste Gulbenkian juntou-se ao Barrow Cadbury Trust e à Fundação Paul Hamlyn para a elaboração do *Inventive Foundation*, um estudo pan-europeu sobre a importância e o papel das fundações na criação de novas organizações.

Nas últimas décadas, quando se fala em fundações, estas são automaticamente associadas à concessão de apoios a instituições já existentes, sem qualquer papel na transformação da sociedade. Este estudo mostra que, na realidade, existem muitas fundações que optam pela criação de novas organiza-

ções, a fim de atingirem os seus objetivos de mudança social. O *Inventive Foundation* analisou nove exemplos de fundações pan-europeias que geraram novas organizações com diferentes dimensões e objetivos. O relatório da iniciativa demonstra que as fundações, com os seus conhecimentos, redes e recursos, estão bem posicionadas como empreendedores institucionais e realça a razão da criação de novas organizações e os seus processos e dificuldades. Além disso, o estudo revela muito sobre o papel das fundações na sociedade civil e a sua relação com os parceiros. ■

Investigador do IGC ganha prêmio Nikon

Gabriel G. Martins, coordenador da Unidade de Microscopia Avançada do Instituto Gulbenkian de Ciência, venceu o primeiro prêmio, no valor de 3000 dólares, do concurso internacional Nikon Small World in Motion Photomicrography Competition, promovido pela Nikon Instruments Inc. O vídeo premiado mostra a anatomia completa tridimensional de um embrião de codorniz com 10 dias de gestação, ainda no ovo.

A reconstrução tridimensional do embrião da codorniz foi possível porque Gabriel Martins construiu um microscópio que faz tomografia ótica, ou seja, consegue obter imagens virtuais de secções de um embrião de mais de 1000 ângulos diferentes, sem ter na realidade de seccionar o embrião. Após o processamento de imagens, consegue-se obter a visualização da anatomia completa de um embrião, inclusive de detalhes anatômicos internos, algo que não é possível obter com microscópios convencionais.



Para o investigador, estas imagens são “tão impressionantes, uma vez reconstruídas em 3D, que se tornam especialmente atraentes para o público”. Satisfeito com o reconhecimento do seu trabalho, Gabriel G. Martins diz que as imagens, para além de serem úteis para estudos científicos que procuram diferenças entre embriões “normais” e embriões com mutações, podem também, por exemplo, ser usadas em aulas sobre anatomia de embriões, ou sobre a forma como os embriões variam de etapa em etapa no desenvolvimento, ou de espécie para espécie. “Como as imagens contêm toda a anatomia interna, podem ser usadas em ‘dissecações virtuais’, sem realmente se sacrificarem animais.” ■

Estas e outras imagens podem ser vistas no site:
<http://www.gabygmartins.info/research/haeckaliens>

Inspirar Ciência para Professores

O curso laboratorial para professores de Biologia do ensino secundário *Inspirar Ciência*, organizado e realizado no IGC, incidirá na Evolução, um tema dos programas curriculares do ensino da Biologia e uma das áreas temáticas do Instituto. De 14 a 17 de julho, os 16 professores que frequentarem o curso terão oportunidade de trabalhar lado a lado com investigadores do IGC, como Isabel Gordo, Christen Mirth, Ivo Chelo e Lília Perfeito.

Vestir a pele de investigadores, recapitulando o processo científico, discutir hipóteses e propor ideias em diferentes

temáticas do estudo da Evolução, são os desafios lançados aos professores nestes dias. Com uma forte componente laboratorial, o curso pretende ajudar a desenvolver atividades práticas transponíveis para a sala de aula, procurando levar a ciência aos alunos. ■

Até **12 de junho**, estão abertas inscrições em:
<http://www.igc.gulbenkian.pt>.

Proteger as plantas do zinco tóxico



Um novo mecanismo genético que protege as plantas contra níveis tóxicos de zinco foi descoberto por investigadores do IGC. O zinco é essencial para o crescimento e desenvolvimento das plantas, mas, quando presente em elevados níveis no solo, torna-se tóxico para a planta. Consequentemente, as plantas precisam de ativar mecanismos capazes de lidar com esse *stress*.

A equipa de investigação, liderada por Paula Duque, identificou um novo gene, ZIF2, que produz uma proteína que transporta iões de zinco para um “compartimento” (o vacúolo) das células da raiz, evitando assim a sua dispersão para outras partes da planta. Na presença de níveis elevados de zinco, este gene é submetido a um processamento especial que assegura uma maior produção da proteína protetora. Quando um gene é ativado, é gerada uma molécula de ARN que serve como um mensageiro para traduzir a informação

genética em proteína. Os investigadores do IGC descobriram que o gene ZIF2 produz duas destas moléculas de ARN, com diferentes tamanhos. Na presença de níveis elevados de zinco, é gerada uma forma mais longa de ARN que resulta numa maior produção da proteína ZIF2, conferido assim à planta uma maior proteção contra o zinco.

Paula Duque salienta o “inteligente” mecanismo genético desenvolvido pelas plantas e diz ser “o zinco, por si só, que desencadeia a maior produção de uma proteína cuja ação vai depois manter este metal pesado na raiz das plantas, evitando os seus efeitos tóxicos nas folhas, flores e outras partes aéreas da planta”.

Este trabalho, publicado na revista científica *PLOS Genetics*, abre novos caminhos para o tratamento de solos contaminados com zinco e para desenvolver estratégias de biofortificação de culturas. ■

Um novo blog científico

The *Opposing Thumb* é um novo espaço cibernético onde se fala sobre ciência. Qual a relevância de algumas descobertas científicas recentes? Como é que essas descobertas se ligam a outras alcançadas no passado? E os protagonistas de ciência que histórias têm para contar? Estes são alguns dos tópicos explorados por Thiago Carvalho, investigador do Instituto Gulbenkian de Ciência e autor deste blogue, que procura reproduzir o espírito de

debate científico do Instituto. Thiago Carvalho diz que *The Opposing Thumb* pretende “divulgar ciência e promover discussão em torno do papel da ciência na sociedade.

Os textos divulgam o maior número possível de links com informação acessível na Web, para que quem estiver interessado tenha a oportunidade de saber mais. ■

<http://igcblog.igc.gulbenkian.pt/>



Marta Santos © Ciência Viva

Famelab: a ciência explicada por palavras e gestos

Alimentar a sua própria curiosidade e despertar a dos outros é o que move a investigadora Marta Santos, de 27 anos, estudante de pós-doutoramento em Física na Universidade de Aveiro e vencedora da final portuguesa do Famelab. Na mais recente edição portuguesa deste concurso internacional de comunicação de ciência, entre várias apresentações que envolviam civilizações extraterrestres, vírus, moscas e até carícias, Marta Santos ganhou o 1.º prémio, bem como o Prémio do público, falando sobre o papel do cérebro na criação e gestão das nossas amizades. O tema vai levá-la aos palcos de Cheltenham, no Reino Unido, nos dias 3, 4 e 5 de junho, para representar Portugal na final internacional do Famelab.

O concurso desafia os participantes a apresentar temas científicos num tempo limite de três minutos, recorrendo apenas a palavras e gestos, e algum objeto que seja relevante para a explicação. Ao contrário do que acontece habitualmente em apresentações científicas, nesta competição não são permitidos *powerpoints*. “Gosto muito do desafio de, escolhido um tema científico, pensar como vou estruturar uma história sobre ele de forma a envolver o público e conseguir que ele me acompanhe na apresentação do início ao fim, sem perder ninguém”, explica-nos por correio eletrónico Marta Santos.

AS PEÇAS CERTAS DO PUZZLE

Ouviu falar do papel do cérebro na gestão de amizades pela primeira vez há alguns anos, por um colega de Antropologia no grupo de investigação onde fez o doutoramento. “Achei a ideia tão curiosa e interessante que fiquei com ela a ecoar no meu cérebro à espera de uma altura em que pudesse

estudar mais sobre o assunto”, conta a investigadora. Decidiu partilhar o seu interesse pelo tema quando foi apurada para a final do Famelab, e pôs mãos à obra. “É como se o tema no geral fosse um *puzzle* com muitas peças, que formam uma determinada imagem: em três minutos não posso mostrar ao público todas as peças do *puzzle*, portanto o desafio é descobrir quais as peças certas para, dentro do possível, conseguir dar uma ideia geral da imagem, sem partes em branco (partes mal explicadas).” Restava-lhe treinar bastante e procurar dentro do possível controlar o nervosismo.

Quando se fala em fazer ciência e comunicá-la, Marta Santos identifica um ingrediente comum essencial: a curiosidade. “Ao fazermos ciência, começamos por alimentar a nossa própria curiosidade, a tentar encontrar respostas para porquês. Ao comunicar ciência, procuramos também despertar e alimentar a curiosidade de quem nos ouve. E quando comunicamos a ciência feita por outros, como foi o meu caso na final nacional do Famelab, o primeiro passo é mesmo alimentar a nossa própria curiosidade!”

Criado em 2005 pelo Cheltenham Science Festival, no Reino Unido, o Famelab nasceu com o objetivo de encontrar novas vozes na ciência e na engenharia. O concurso ganhou expressão mundial com o apoio do British Council e, hoje, realiza-se anualmente em mais de 25 países de todos os continentes. Em Portugal, é organizado desde 2010 pelo Ciência Viva e pelo British Council, aos quais este ano se juntou a Fundação Gulbenkian como entidade parceira, através do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência. ■

Vídeos e mais informações em www.famelab.pt

Descobrir para quem ensina

Há novidades no site do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência. Existe agora uma nova área dedicada aos professores, com propostas de atividades, projetos e materiais didáticos disponíveis para todos.

“**H**oje vamos viajar pelo museu e procurar assuntos da Matemática relacionados com as obras”, é assim que começa um vídeo disponível no *site* que se debruça sobre a relação entre as artes plásticas e a Matemática, utilizando as obras do Centro de Arte Moderna como exemplo. Esta é apenas uma das várias ferramentas multimédia que se encontram agora compiladas e organizadas num novo separador do *site* do Descobrir, que mostra vídeos sobre a criação de livros de autor, como aprender sobre instrumentos musicais com a ajuda de músicos de jazz e ainda jogos interativos que pegam nos sons do Jardim Gulbenkian e os transformam numa espécie de *puzzle* auditivo. É uma nova secção focada na comunicação com os professores, fornecendo-lhes materiais de apoio, com conteúdos disponíveis para qualquer pessoa que os queira consultar. A primeira experiência com este tipo de materiais multimédia apareceu aquando da primeira edição do concurso Pequeno Grande ©, com vídeos que ajudavam os professores a levar para a sala de aula a produção de livros, narrativas e ilustrações. “Nós queríamos, com aqueles materiais, dar aos professores ferramentas que não faziam parte dos seus repertórios”, diz Maria de Assis, diretora do Descobrir. “Trabalhamos muito com artistas e havia ali seguramente técnicas diferentes que iriam ser novidade e que poderiam ser exploradas de uma forma positiva.” A partir daí, a aposta em transformar algumas das atividades educativas do Descobrir em vídeos começou a ser mais recorrente. “Determinados conteúdos que nós produzimos são muito demonstrativos, utilizam os materiais, são muito diretos e



concretos e adaptam-se muito bem para uma linguagem de vídeo, mesmo naquele velho conceito do ensino à distância.”

Para além dos materiais didáticos que se encontram agora todos compilados num só sítio de fácil acesso, existe também uma categoria onde se pode consultar a agenda de cursos e atividades dirigidas a professores e uma última novidade: um blogue que pode também ser acedido diretamente através do endereço descobrirblog.gulbenkian.pt. Neste espaço, a ideia é criar uma plataforma de diálogo com os professores, assim como um veículo de informação dirigido aos formadores. “É um lugar onde podemos concentrar todos os projetos que podem interessar aos professores”, explica Maria de Assis, “seja de oferta de formação nossa, seja de materiais didáticos, seja, inclusivamente, de notícias importantes para os professores e que têm a ver com os nossos parceiros ou atividades que nós realizamos fora da Fundação.”

Desta forma, a rede do Descobrir vai crescendo, permitindo que algumas das suas iniciativas e formações não fiquem confinadas às paredes da Fundação Calouste Gulbenkian, mas possam ser acessíveis em qualquer parte. Por outro lado, a ligação com os professores torna-se mais fácil e imediata através de um separador no *site* que lhes é dedicado. Como explica a diretora do programa: “É nossa pretensão, de alguma forma, poder criar ali uma comunidade de professores *amigos do Descobrir*”. ■

www.descobrir.gulbenkian.pt



"Para ser uma criança feliz", criado por alunos dos 3º e 4º anos da Escola Básica de São Pedro do Estoril, Cascais

Pequeno Grande © Os vencedores

Dezasseis obras produzidas por alunos e professores em sala de aula foram as vencedoras da segunda edição do Pequeno Grande ©, uma iniciativa conjunta da Agecop – Associação para a Gestão da Cópia Privada e da Fundação Calouste Gulbenkian, que procura premiar a singularidade e a originalidade de livros de autor criados no âmbito de uma turma escolar, por jovens entre os 6 e os 12 anos.

Candidataram-se 132 escolas com 254 obras e foram distinguidas criações de escolas de Lisboa, Viseu, Esposende, Vila do Conde, Vila Franca de Xira, Cascais e Santarém. O júri valorizou sobretudo a criatividade, a apresentação, a capacidade de expressão e a profundidade do tema escolhido. Todos estes critérios foram aplicados, não só ao desenvolvimento da narrativa, mas também à construção do livro propriamente dito e à respetiva ilustração.

A lista completa de vencedores pode ser consultada em www.descobrir.gulbenkian.pt e as obras premiadas podem ser vistas na página oficial do Pequeno Grande ©: www.pequenograndec.org. ■



Prémio para Descobrir

As ilustrações de André da Loba feitas para as brochuras da temporada 11/12 do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência, concebidas pela Silvedesigners, ganharam o 1.º prémio na categoria de ilustração, no XVI Festival do Clube de Criativos de Portugal. ■



Paula Rego, *Manifesto for a Lost Cause*, 1965, CAM.

Ordem e Caos na Casa das Histórias

A Casa das Histórias Paula Rego apresenta, até 26 de outubro, a exposição intitulada 1961: Ordem e Caos que exhibe, pela primeira vez, um vasto conjunto de obras de Paula Rego produzido durante as décadas de 1960 e 1970, pretendendo documentar e analisar o início do seu percurso artístico e o impacto no panorama português da época.

Além de várias obras pertencentes à coleção do Centro de Arte Moderna (como a da imagem), a exposição tem um núcleo documental que evoca os momentos mais marcantes do início do percurso artístico de Paula Rego ocorridos em Portugal: a sua primeira apresentação pública no nosso país (1961) e a atribuição de uma bolsa de estudo pela Fundação Calouste Gulbenkian (1962-1963), bem como a aquisição de várias obras suas pela Fundação. ■ www.casadashistoriaspaularego.com



Iniciativa Oceanos marca presença no Dia Europeu do Mar

Este ano, o Dia Europeu do Mar foi celebrado em Bremen. A cidade alemã recebeu nos dias 19 e 20 de maio inúmeros especialistas nas questões relacionadas com o mar. Teresa Gouveia, administradora da Fundação Calouste Gulbenkian, esteve presente em nome da Iniciativa Gulbenkian Oceanos, existente desde 2013 e que tem como objetivo a proteção, conservação e boa gestão dos oceanos e dos ecossistemas marinhos. Esta foi a 7.ª edição de um encontro criado a 20 de maio 2008, dia em que o presidente do Parlamento Europeu, Hans-Gert Pöttering, o presidente do Conselho Europeu, Janez Jansa, e o presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, assinaram uma Declaração Conjunta Tripartida que estabeleceu esta data como o Dia Europeu do Mar, que em 2019 será celebrado em Lisboa. ■

Solidariedade europeia

A Assembleia-Geral do Centro Europeu de Fundações (EFC), realizada em maio, em Sarajevo, aprovou uma declaração conjunta de solidariedade para com a Ucrânia. As mais de cinco centenas de entidades e fundações, entre as quais a Fundação Gulbenkian, estiveram reunidas, entre os dias 15 e 17, para discutir a renovação social e económica, reconciliação, saúde, educação, artes, e outros temas comuns às muitas instituições filantrópicas europeias. No final do encontro, a declaração final refletia a preocupação dos participantes relativamente à situação que se vive na Ucrânia. Pode ler-se nesta declaração que as fundações acreditam na luta do povo ucraniano para “estabelecer a democracia” e que esta “deve merecer apoio e atenção da Comunidade Europeia”.

Em Sarajevo, a cidade no centro dos acontecimentos que desencadearam a I Grande Guerra e símbolo da guerra dos Balcãs nos anos 90, os responsáveis das fundações lembraram que é preciso aprender com as lições do passado “e contribuir para uma Europa de paz hoje e no futuro”. A pensar nesse passado, a declaração conjunta reclama que “a única forma de resolver a situação atual é através do diálogo e da reconciliação”. Durante três dias, os responsáveis das fundações europeias centraram-se em “Repensar a Europa”, tema principal do encontro que discutiu os temas da solidariedade, sociedade civil e governança política. Sarajevo foi a cidade escolhida para a conferência como lugar onde se cruzam várias civilizações, mas também como símbolo de paz, esperança e tolerância. ■



Em Sarajevo, foi aprovada uma declaração conjunta de solidariedade para com a Ucrânia



Amâncio Oliveira | 35 anos | Medicina *

Ser médico para ajudar o país

COMO SURTIU O SEU INTERESSE PELA MEDICINA?

Em grande parte, surgiu por influência da minha família e pela vontade de ajudar os outros. Cresci numa família com gente que trabalha na área de saúde, nomeadamente os meus tios e irmã. Para além deste aspeto, a falta de médicos que o meu país enfrenta também influenciou muito a minha escolha do curso de Medicina.

FEZ TODA A SUA FORMAÇÃO ACADÉMICA EM MOÇAMBIQUE, DE ONDE É NATURAL. POR QUE RAZÃO OPTOU POR FAZER A ESPECIALIZAÇÃO EM PORTUGAL?

Sou natural de Lichinga, uma pequena cidade do interior de Moçambique, localizada a norte, na província de Niassa – a mais pobre de Moçambique. O ensino primário e secundário foi todo feito na minha terra natal. Lembro-me de aprender a escrever sentado no chão e de caminhar cerca de oito quilómetros para chegar à escola até concluir o 10.º ano do secundário. Na altura, na minha província não

havia possibilidade de continuar os estudos e aqueles que tinham melhores condições optavam por ir para Nampula, Beira ou Maputo (as três grandes cidades de Moçambique). Na companhia de um amigo, fui até Maputo onde consegui fazer os 11.º e 12.º anos. Nessa altura, tive que conciliar os estudos com um trabalho para poder terminar a escola. Mais tarde, candidatei-me à Universidade Eduardo Mondlane para o curso de Medicina, a única universidade da época, que me concedeu uma bolsa de estudo que incluía alojamento no seu lar para estudantes. Terminado o curso de Medicina, fui cumprir o Serviço Militar Obrigatório, tendo servido as Forças Armadas de Defesa de Moçambique durante quatro anos.

Após a minha saída do Serviço Militar, decidi fazer a especialidade de Urologia, candidatando-me ao exame de especialidade no Hospital Central de Maputo (HCM), tendo sido admitido. Devido à falta de condições de formação no Serviço de Urologia do HCM, senti necessidade de procurar



uma bolsa para complementar a minha formação no estrangeiro. Durante as minhas pesquisas, contactei o Hospital de Santa Maria (HSM) em Lisboa, que foi muito recetivo. Optei por fazer parte da especialização em Portugal, principalmente pela facilidade da língua e também pelo facto de o Serviço de Urologia do HSM ser um serviço de excelência com referências internacionais.

COMO VAI A BOLSA DE ESPECIALIZAÇÃO CONTRIBUIR PARA A SUA FORMAÇÃO?

Vivo num país com cerca de 23 milhões de habitantes, com um rácio de um médico para 30 mil habitantes. Em todo o país existem apenas três urologistas moçambicanos. Sem dúvida alguma, a especialização em Urologia irá trazer benefícios ao país e ao povo moçambicano, melhorando o seu atendimento. Pretendo contribuir para a organização do Serviço de Urologia a nível do Hospital Central de Maputo, assim como no Serviço Nacional de Saúde, colaborar com o Ministério da Saúde na formação de futuros urologistas e também apoiar a formação médica e investigação na Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane.

MUITA DA SUA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ESTÁ RELACIONADA COM INVESTIGAÇÃO E TRATAMENTO DO CANCRO DA PRÓSTATA. PRETENDE DESENVOLVER ALGUM TRABALHO FUTURO NESTA ÁREA?

Atualmente estou a preparar a tese de mestrado em Saúde Pública na Universidade Eduardo Mondlane. Uma vez que estou a fazer a especialização em Urologia, achei pertinente desenvolver um trabalho na área do cancro da próstata, que é a principal causa de mortalidade por cancro nos homens. Além disso, em Moçambique existe muito pouca informação da real situação desta doença. O trabalho será realizado em coordenação com o Serviço de Anatomia Patológica do Hospital Central de Maputo.

GOSTA DE VIVER EM LISBOA?

Viver em Lisboa está a ser uma experiência interessante. No princípio, tive dificuldades de adaptação por causa da temperatura, já que cheguei a Lisboa no final do inverno. Gosto da cidade, rica culturalmente, com vários locais lindos para visitar, boa gastronomia e vinhos. O convívio com várias pessoas permitiu o intercâmbio das culturas portuguesa e moçambicana. ■

* Bolsa de Estudo – Especialização em Urologia no Hospital Santa Maria



Carmen Miranda

em junho



Próximo Futuro: a América Latina no horizonte

Maquete do Totem © Subvert

De 20 a 22 de junho, a literatura e os pensadores da América Latina, a música de Carmen Miranda revista pelo Real Combo Lisbonense, a estreia do novo filme de Margarida Cardoso e um Baile na garagem da Fundação Gulbenkian, marcam a primeira parte da edição de verão do Próximo Futuro para este ano. Em setembro, há mais cinema e música, mas também teatro e dança, numa programação que se estende a outros espaços culturais em Lisboa.

Com uma atenção especial dedicada à América Latina contemporânea, a programação de verão do Próximo Futuro concentra-se este ano em dois momentos: no final de junho (dias 20, 21 e 22) e no início de setembro (dias 2 a 17). A **20 de junho**, arranca a Festa da Literatura e do Pensamento da América Latina, que vai reunir ao longo de três dias artistas, escritores, gestores culturais e investigadores de ciências sociais, para discutirem a existência de uma identidade latino-americana. Existirá algo que se assemelhe a este conceito? Esta e outras questões serão debatidas por alguns dos mais reputados académicos da atualidade e outros autores-revelação em Portugal, em quatro sessões: “O Estado das Artes” (20 junho, 19h); “Política e Pensamento” (21 junho, 11h30); “Poesia na América Latina” (21 junho, 18h30); “Literatura na América Latina” (22 junho, 15h). A Festa da Literatura e do Pensamento da América Latina vai decorrer no Totem, uma composição arquitetónica que

pretende representar de forma abstrata a América do Sul, as suas cores, texturas e sons, funcionando como espaço de reunião, de encontro e de contemplação. O Totem, concebido por Tiago Rebelo de Andrade e Diogo Ramalho do ateliê Subvert, permanecerá depois no Jardim Gulbenkian (junto à entrada para a Biblioteca de Arte) até setembro.

O dia 20 de junho, sexta-feira, acaba com um Baile na Garagem da Fundação Gulbenkian, animado por La Flama Blanca, que ao longo dos últimos dois anos tem contagiado as noites lisboetas com o Baile Tropicante no Musicbox, e Lyndon Barry, que promete cruzar *blues* polaco com experimentalismo pernambucano. Para dançar, a partir da meia-noite.

A **21 de junho**, o espírito de Carmen Miranda é incarnado pelo Real Combo Lisbonense, que se apresenta no Anfiteatro ao Ar Livre (21h30) com um espetáculo totalmente novo. Quase 60 anos depois da morte da cantora



Real Combo Lisbonense © Nuno Sousa Dias

que nasceu em Marco de Canaveses, mas que cresceu no Rio de Janeiro com o samba, o seu legado continua ausente da música feita em Portugal. É essa falha que o Real Combo Lisbonense vem colmatar, com um espetáculo imperdível que atravessa quase três décadas de história musical através de um repertório de sambas, marchinhas e outros ritmos tropicais.

O fim-de-semana termina com a estreia do filme *Yvone Kane*, uma ficção realizada por Margarida Cardoso em Moçambique, que conta com interpretações de Irene Ravache, Beatriz Batarda e Gonçalo Waddington, entre outros. Esta coprodução do Próximo Futuro com a Filmes do Tejo II será projetada no dia **22 de junho**, às 22h, no Anfiteatro ao Ar Livre.

EM SETEMBRO

O teatro e a dança regressam à programação do Próximo Futuro a partir do dia 2 de setembro, com espetáculos no



Yvone Kane, filme de Margarida Cardoso

palco do Grande Auditório, mas também no Teatro do Bairro, no Teatro Meridional e no Teatro Nacional D. Maria II. Serão apresentadas três coproduções do Próximo Futuro: *As Confissões Verdadeiras de um Terrorista Albino*, peça encenada por Rogério Carvalho, baseada num texto do sul-africano Breyten Breytenbach; *Puto Gallo Conquistador*, espetáculo da coreógrafa uruguaia Tamara Cubas; e *Pedro Páramo*, uma coprodução com o Teatro Meridional que põe em palco um texto do mexicano Juan Rulfo, encenado por Miguel Seabra, com dramaturgia e adaptação de Natália Luiza. A dança marca também presença nesta programação de setembro com a estreia europeia do espetáculo *In-Organic*, da performer e coreógrafa brasileira Marcela Levi. Também em estreia europeia será apresentado *Escuela*, um trabalho do encenador chileno Guillermo Calderón de quem o Próximo Futuro já apresentou, em anos anteriores, os aclamados espetáculos *Neva*, *Villa* e *Discurso*. Do Chile chegamos ainda *La Reunión*, uma peça com encenação e dramaturgia de Trinidad González.

O cinema e a música também voltam a ter lugar no Anfiteatro ao Ar Livre, em setembro, com a estreia do documentário *Bijagós*, uma produção portuguesa, e com a apresentação do projeto *Outras pautas – Pixinguinha em concerto*. Com regência de Pedro Aragão e direção artística de Bia Paes Leme e Paulo Aragão, esta orquestra brasileira celebra a obra monumental de Alfredo da Rocha Vianna Filho, mais conhecido por Pixinguinha, nascido a 23 de abril de 1897, data que se tornou o Dia Nacional do Choro. *Otelo*, mais uma produção chilena que é uma versão para atores e marionetas da grande tragédia de Shakespeare, fechará esta programação de espetáculos do Próximo Futuro a 16 e 17 de setembro, em Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II), e a 20 de setembro, no Algarve (Cineteatro Louletano). ■



Luiz Zerbini, *Serrote*, 2013

Artistas comprometidos?

Obras de artistas da América Latina, África e Europa

A nova exposição do Próximo Futuro, que se integra na programação de verão este ano dedicada especialmente à América Latina, reúne obras de 21 artistas, brasileiros, mexicanos, argentinos, colombianos, guatemaltecos, mas também da África do Sul, de Moçambique, Marrocos, Portugal, França e Áustria.

As obras escolhidas pelo curador António Pinto Ribeiro para a exposição *Artistas Comprometidos? Talvez* pretendem questionar de que forma pode o artista comprometer-se num mundo globalizado. “Como e com o quê?”, pergunta o curador no texto de apresentação da exposição. “Como as obras produzidas, sem reivindicar qualquer localismo, podem ser gritos locais ecoando no universo, ou como um compromisso com a beleza ou com a linguagem pode contaminar vários horizontes políticos e sociais.”

Estendendo-se ao jardim, esta exposição vai apresentar na Galeria de Exposições Temporárias da Sede mais de duas dezenas de obras recentes, algumas das quais inéditas, produzidas expressamente para esta mostra, em suportes diversos: fotografia, escultura, instalação, pintura, desenho, filmes e vídeo. Obras que se relacionam com o mundo contemporâneo, com todas as suas discontinuidades e as diversas configurações que os artistas lhe atribuem. ■

Artistas Comprometidos? Talvez

Curadoria: António Pinto Ribeiro

21 junho – 7 setembro

Edifício Sede – Piso 0 e Jardim

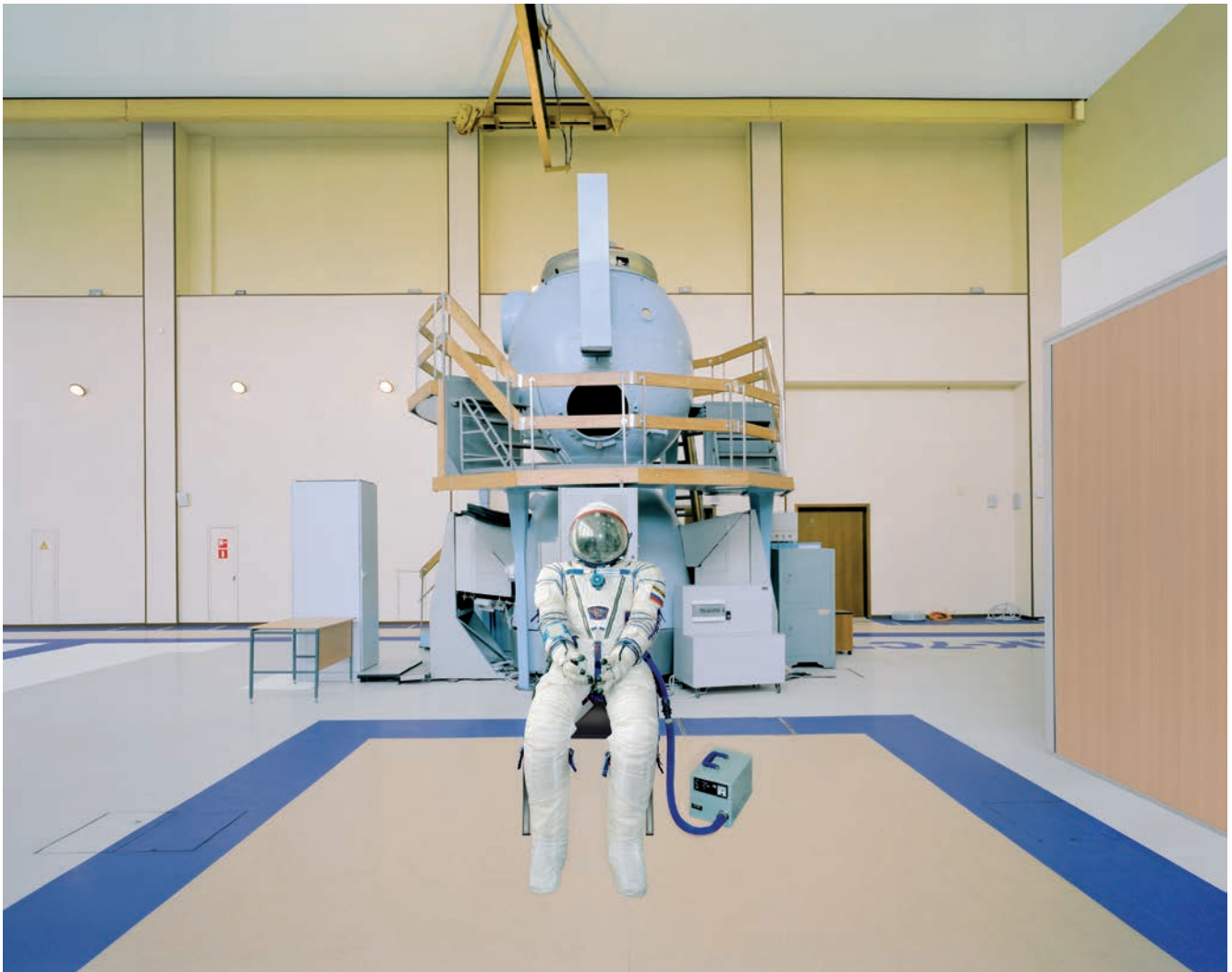


Foto pressurizado junto do módulo de treino Soyuz, Centro de Treino de Cosmonautas Yuri Gagarin, GCTC (Cidade das Estrelas, Rússia) © Edgar Martins

A impossibilidade poética de conter o Infinito

Pela primeira vez na sua história, a Agência Espacial Europeia (ESA) abriu as portas a um artista, autorizando-o a explorar os seus vários espaços e a revelá-los ao mundo. A impossibilidade poética de conter o Infinito mostra mais de 80 fotografias captadas em centros de testes, departamentos robóticos, simuladores espaciais, plataformas de lançamento ou centros de treino de astronautas, numa abordagem simultaneamente descritiva e especulativa, em que as fotografias assumem o seu total significado algures entre o facto e a ficção.

Tudo começou quando Edgar Martins, fotógrafo português a residir em Londres, leu um artigo em que um diretor da ESA defendia a necessidade de uma maior abertura da Agência ao exterior. Apaixonado pelo tema desde criança, o artista não perdeu tempo e apresentou um projeto à ESA nesse sentido, propondo assumir-se como interlocutor privilegiado de um diálogo em que a fotografia assumiria um papel de relevo.

A Agência acolheu favoravelmente a proposta e, ao longo de dois anos, o fotógrafo percorreu o interior de várias instalações da ESA em diferentes países do mundo, viagem que deu origem a uma exposição itinerante que passará este mês pela Fundação Gulbenkian.

Este projeto pioneiro surge na sequência de um trabalho anterior que o fotógrafo produziu em várias centrais hidroelétricas portuguesas. Já foi mostrado no Wapping Project Bankside, em Londres, onde esteve patente até ao final do mês passado, apresentando-se **a partir de dia 27** na Fundação Gulbenkian, para uma mostra de maior dimensão. No âmbito deste projeto foi ainda produzido o livro *The Rehearsal of Space and the Poetic Impossibility to Manage the Infinite*, com textos de John Gribbin, João Seixas & Sérgio Mah.

Em entrevista, o artista conta o desafio que foi entrar num mundo reservado, sem cultura de diálogo e que o levou a países como Reino Unido, França, Alemanha, Espanha, Rússia, Cazaquistão e Guiana Francesa.

FOI A PRIMEIRA PESSOA ALHEIA À AGÊNCIA ESPACIAL EUROPEIA A PODER CIRCULAR NAS SUAS INSTALAÇÕES E O PRIMEIRO ARTISTA A COLABORAR COM ESTA ENTIDADE. COMO SURTIU A IDEIA DESTES PROJETO?

Este projeto surge na sequência de um trabalho anterior que produzi em várias centrais hidroelétricas portuguesas, onde explorava, entre outras coisas, o conceito de utopias tecnológicas assim como o enquadramento utópico da década de 60 relativamente à relação entre o homem e a máquina. Por outro lado, de um ponto de vista profissional, desde há muito que o meu trabalho tem vindo a fazer referência a disciplinas como a Cosmologia, a Física e a Astronomia.

A temática do espaço sempre teve uma ressonância muito forte comigo e isso foi certamente determinante na decisão de produzir este projeto. Toda a literatura que li desde criança (Jules Verne, HG Wells, William Gibson e, mais tarde, Richard Feynman, Alfred Jarry, entre outros), os filmes pioneiros de ficção científica de Ray Harryhausen ou as animações de Georges Méliès, entre outros, tudo isto preencheu o meu imaginário fotográfico. Assim, quando um dia li um artigo de um dos diretores da ESA a explicar a importância de a Agência se abrir ao público de uma forma mais marcante, considerei que este seria o contexto ideal para os contactar. Nesse mesmo dia, escrevi uma longa

carta à ESA onde expliquei que queria produzir a mais completa descrição de sempre de uma das mais importantes organizações científicas e espaciais e dos seus programas. Mencionei que acreditava que o futuro da exploração espacial exigia um contínuo diálogo social e cultural, no qual as artes e, em particular a fotografia, poderiam desempenhar um papel dinâmico e vital.

A proposta que apresentei à ESA foi bastante ambiciosa: propus participar de forma crítica nos seus programas: de microgravidade, navegação, telecomunicação, exploração lunar, de Marte, de Mercúrio, entre muitos outros, elaborando ao mesmo tempo reflexões acerca das novas políticas de exploração espacial bem como acerca do impacto deste tipo de aplicação tecnológica na nossa consciência social. Fiquei muito sensibilizado com o facto de a ESA ter acolhido o projeto, até porque foi a primeira vez que a agência abriu as suas portas a um artista visual, desta forma.

O QUE MAIS O IMPRESSIONOU NESTA VIAGEM INÉDITA POR UMA DAS MAIS IMPORTANTES INSTITUIÇÕES ESPACIAIS DO MUNDO?

Por um lado, estar a um passo de distância de satélites e outra tanta tecnologia que um dia irão mudar o nosso entendimento do mundo. Por outro lado, o contacto regular com astronautas, o que me proporcionou um olhar muito particular sobre o mundo da exploração espacial. Finalmente, o potencial artístico dos próprios espaços. Vi muitos destes espaços como géneros de palcos onde narrativas variadas poderiam ser encenadas. As instalações da ESA são inexoravelmente heterogêneas, lugares onde existe uma convergência, sobreposição e desfocagem de sentidos, funções e temporalidades. Por este motivo, o principal desafio que se me colocou foi desenvolver uma abordagem que fosse simultaneamente descritiva e especulativa, que documentasse, mas também desconstruísse os espaços e os objetos, revelando assim as suas derivações poéticas e ressonâncias culturais e ideológicas.

“Vi muitos destes espaços como géneros de palcos onde narrativas variadas poderiam ser encenadas”

AS SUAS FOTOS CAPTAM LUGARES, AMBIENTES, OBJETOS, MAS NUNCA PESSOAS. PORQUÊ A EXCLUSÃO HUMANA?

A exclusão de pessoas fez sempre parte da minha metodologia. A omissão de pessoas, de referências temporais concretas, permitiu-me sempre proporcionar ao leitor um

canvas branco onde projetar as suas próprias ideias, experiências, diria mesmo humanidade. De certa forma, este trabalho mantém esta linha de abordagem, mas neste caso concreto a omissão de pessoas também teve a ver com razões operacionais e técnicas (no sentido em que as longas exposições nem sempre registam movimento).

COMO FOI TRABALHAR EM AMBIENTES DE ACESSO RESERVADO? SENTIU-SE DE ALGUM MODO UM INTRUSO?

Condicionantes logísticas e operacionais já eu esperava, mas nunca me senti um intruso propriamente dito. Todavia, não há dúvida de que um dos grandes desafios que enfrentei foi o de ter de despertar a curiosidade e o interesse dos funcionários dos vários locais que visitei, sensibilizando-os ao mesmo tempo para a minha forma de trabalhar e para as minhas ideias. Apesar de ter tido o apoio incondicional da administração da ESA, foi necessário negociar as condições e termos de acesso aos vários locais. Há que ter em conta que a minha forma de trabalhar é quase antagónica à realidade dos espaços que estava a fotografar. Para além disso, também é importante salientar que Agência Espacial Europeia não tinha, na altura, uma cultura de diálogo com artistas.

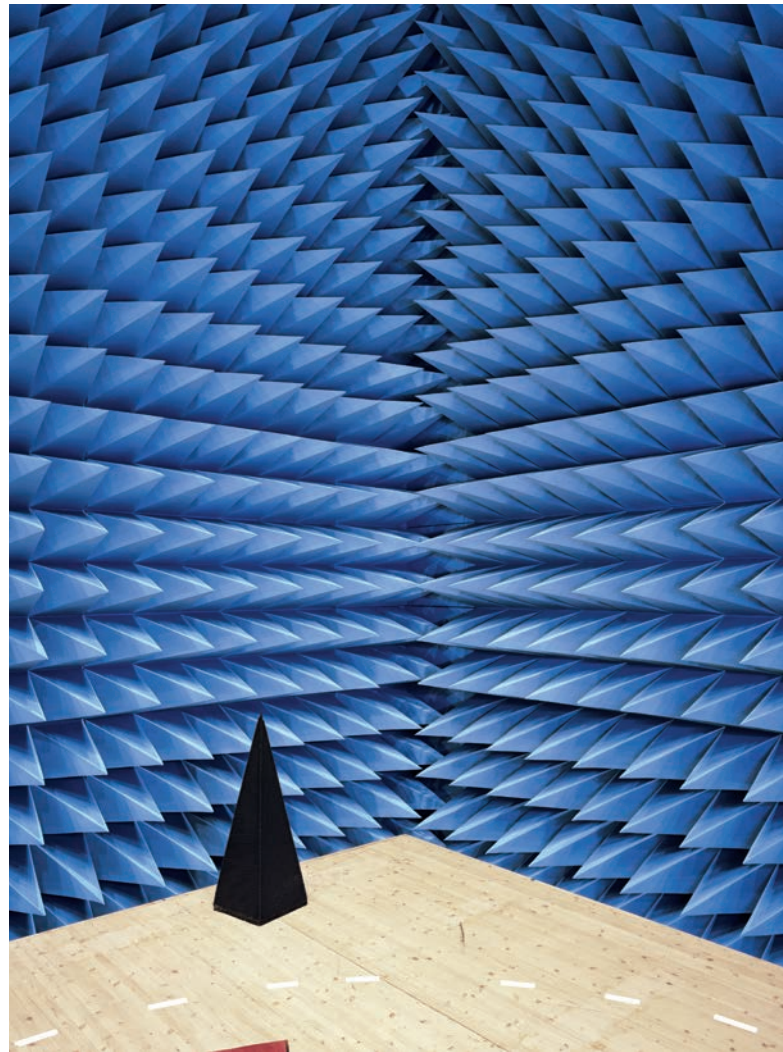
A abertura de espírito da organização ao projeto e às minhas ideias (por vezes um pouco ambiciosas) e o apoio logístico que me facultaram foi notável (e, também, algo surpreendente), o que me permitiu produzir um projeto original, coerente e multifacetado.

FOTOGRAFOU 15 INSTALAÇÕES DA ESA EM PAÍSES COMO HOLANDA, ALEMANHA, RÚSSIA, CAZAQUISTÃO E GUIANA FRANCESA. SENTIU-SE EM GEOGRAFIAS DISTINTAS OU O INTERIOR DE CADA ESPAÇO É RELATIVAMENTE IDÊNTICO EM TODOS OS LUGARES, ANULANDO NACIONALIDADES?

Os espaços técnicos, de facto, são bastante homogêneos. De um ponto de vista operacional, apenas posso referir que os países da Europa do Norte são de uma eficiência tremenda e que o trabalho produzido nestes locais beneficiou bastante do “pragmatismo” típico destas culturas. Nos países mediterrânicos e francófonos, a postura foi outra, um pouco mais burocrata, o que criou algumas condicionantes.

A DÚVIDA QUE O ASSALTAVA DESDE CRIANÇA DE SABER COMO SE ARRUMAVAM OS FATOS ESPACIAIS FICOU ESCLARECIDA IN LOCO, CALCULO QUE COM ALGUMA EMOÇÃO... O ESPAÇO E O INFINITO SEMPRE O FASCINARAM?

Não fui um filho da geração da “corrida espacial”. Nasci no final dos anos 70, mas deixei-me encantar pelas missões Apollo como se encantaram aqueles que as viveram. E tal como tantas outras crianças das décadas de 60 e 70, também eu quis tornar-me astronauta (o que não era tarefa fácil para um europeu a crescer na China). Lembro-me de, em adolescente, sonhar com o espaço. De facto, em toda a



Sala Maxwell, ESA-ESTEC (Noordwijk, Países Baixos) © Edgar Martins

minha vida, só tive dois sonhos recorrentes. Um é um pesadelo estranho sobre figuras geométricas a caírem do céu, como uma espécie de jogo de Tetris infernal. Mas isso fica para outro dia.

O outro sonho, também desconcertante, leva-me frequentemente a acordar de lágrimas nos olhos. Nesse sonho sou atirado para o espaço (apesar de nunca me lembrar de como isso aconteceu exatamente). Quando entro em órbita sobre a Terra, a flutuar na gravidade zero e olho para baixo, para o planeta, pela primeira vez, a experiência é avassaladora. Subitamente, sou invadido por um profundo sentimento de calma e consciência, como se finalmente tivesse compreendido todos os segredos do planeta e a solução para os seus problemas. É o tipo de momento em que somos confrontados com o nosso ímpeto dialético e saímos a ganhar. Depois, acordo.

Recentemente, foi-me dada a oportunidade de conhecer e conversar com alguns astronautas que me confienciaram que ver a Terra do espaço pela primeira vez é uma experiência



Vestiário dos astronautas no centro de treino de astronautas Yuri Gagarin, GCTC (Cidade das Estrelas, Rússia) © Edgar Martins

“O espaço e todo o misticismo e maravilhas tecnológicas que o rodeiam têm uma ressonância imensurável na nossa consciência social e individual”.

bastante comovente. Os astronautas do programa Apollo falam de uma experiência transcendental ou espiritual. Também é do conhecimento geral que a tão celebrada fotografia do nascer da Terra, feita durante a era Apollo, inspi-

rou toda uma geração de pessoas, nomeadamente o movimento verde. Para resumir uma história que já vai longa, o espaço e todo o misticismo e maravilhas tecnológicas que o rodeiam têm uma ressonância imensurável na nossa consciência social e individual. Isto é algo do qual eu sempre tive uma consciência clara, e é por isso que o espaço tem sido um tema recorrente no meu trabalho.

Este é um tópico que constantemente me (nos) arremessa para as antíteses da percepção e da existência, que nos empurra para a exploração de fronteiras volúveis e realidades instáveis e oscilantes. ■

A impossibilidade poética de conter o Infinito

Edgar Martins

27 junho - 8 de setembro

Curadoria: Leonor Nazaré

Edifício Sede (piso 01)



Gregor Graf (1976, Austria), *Landscape 1*, 2014, Fotografia. Cortesia da coleção do artista © Gregor Graf

Daqui Parece Uma Montanha

Esta exposição parte da relação de três pequenos países – Áustria, Dinamarca e Portugal – com os seus vizinhos de maior dimensão, remetendo para questões como o confronto entre o grande e o pequeno, a ilusão e a realidade, e o desconhecido e o familiar.

O trabalho de **Katharina Lackner** (n. 1981), que inicia o percurso, inclui-se nestes três binómios através de *Slide*, um chapéu de chuva de enormes dimensões que nos transporta para o lugar da infância, como se fôssemos personagens em histórias como *Viagens de Gulliver* ou *Alice no País das Maravilhas*.

Já a série de fotografias de paisagens *Landscape*, de **Gregor Graf** (n. 1976), recorre a outro método para confrontar a ilusão com o real, com três paisagens que evocam o universo visual de postais antigos em que as cores eram pintadas à mão.

O conjunto de fotografias e vídeo *O Passageiro*, de **Nuno Cera** (n. 1972), conduz-nos por um percurso que é simultaneamente um refúgio e um lugar que nos escapa, numa espécie de jogo entre o real e o ficcional que sugere o ideal romântico das atmosferas sublimes.

Uma gaiola gigante, de circo, com uma estrutura aberta de ferro, *Cage and Mirror*, de **Jeppe Hein** (n. 1974), parece pedir que lá entremos. Uma vez dentro da gaiola, somos, simultaneamente, observadores e alvo de observação, numa situação tão inevitável quanto indesejável.

Claudia Larcher (n. 1979) apresenta um lugar, Heim, que flutua também entre exterior e interior. Uma imensa paisagem bucólica contrasta com uma casa que, à primeira vista, poderia parecer um porto de abrigo, mas cujos objetos provocam uma sensação de estranheza e angústia.



Miguel Palma (1964, Portugal), *Pays/scope*, 2012, Estrutura metálica e espelho. Coleção privada © Bruno Sousa, atelier Miguel Palma

Encircled do duo **AVPD** (Aslak Vibaek, n. 1974, e Peter Doessing, n. 1974) é uma instalação na qual apenas o chão surge como inteiramente sólido, tornando-se uma das poucas referências que nos permitem retomar a orientação e equilíbrio e escapar à sensação de cerco daquele lugar.

Num conjunto de caixas baixas, que à primeira vista parecem blocos sólidos de metal, *Untitled, metal object*, de **Tove Storch** (n. 1981), há uma espécie de competição latente. Cada uma parece querer ser mais alta do que a outra, numa comparação algo absurda entre entidades tão semelhantes. Outra relação de competitividade mostra-se nos dois trabalhos de **Dalila Gonçalves** (n. 1982) presentes nesta exposição: *Amontoar em Carga e Descarga* e *Deadline*, que, à distância, aparentam delicadeza e fragilidade no que parecem ser linhas de horizonte.

Em *This is goodbye*, de **Ann-Louise Overgaard Andersen** (n. 1977), o tempo e o espaço apresentam-se como circulares. Um conjunto de três blocos interligados parecem formar uma casa. No bloco central, as passagens para o interior levam-nos, seja qual for o caminho que escolhermos, ao mesmo lugar, vazio.

A obra *Pays/scope* de **Miguel Palma** (n. 1964) encerra o percurso. Apresentada pela primeira vez na montanha Saint-Victoire, protagonista de tantas pinturas de Cézanne, a

torre de seis metros trocou a posição habitual da montanha, de observada em observadora. Na Nave do Centro de Arte Moderna esta inversão repete-se: o espelho no cimo da torre revela que estivemos a ser observados, enquanto parte da paisagem que rodeia a torre naquele lugar.

As surpresas ao longo deste percurso fazem-se sentir especialmente no confronto. O confronto com o que, por comparação, é maior do que nós; o confronto com a ideia que criámos de uma coisa com a sua realidade; o confronto entre o querer algo de desconhecido mas, ao mesmo tempo, temê-lo na sua imensidão sublime e recorrer ao conhecido, ao refúgio. Estes pontos de confronto remetem para sintomas de um campo social comum que transcende fronteiras geográficas: daqui (seja de onde for), parece uma montanha. ■

Daqui parece uma montanha

Artistas contemporâneos austriacos, dinamarqueses e portugueses

5 junho - 21 de setembro

Curadoria: Luísa Santos

CAM



Félix Ziem (1821-1911), *O Pastor e o Mar* (livro IV, fábula 2)

O Traço e a Cor Desenhos e Aguarelas na Coleção Calouste Gulbenkian

Na noite do dia 25 de novembro de 1967, uma chuva torrencial atingiu a região de Lisboa provocando cheias devastadoras que causaram mais de 700 mortos. No curto espaço de algumas horas registaram-se valores correspondentes a cerca de um quinto da precipitação média anual, deixando atrás de si um cenário de catástrofe. Os danos causados por este dilúvio deixaram marcas por toda a cidade e arredores, atingindo uma das salas que albergava a coleção Gulbenkian, na altura depositada em Oeiras, no Palácio Marquês de Pombal, alagando o núcleo de desenhos adquirido pelo colecionador entre 1905 e 1937. As

obras, fortemente danificadas, viajaram no ano seguinte, para o Rijksmuseum Amsterdam, onde foram objeto de um milagroso restauro. Dos cerca de 40 desenhos afetados, apenas cinco foram dados como irrecuperáveis. Anos depois, graças ao avanço dos conhecimentos científicos na área do restauro de obras de arte e ao trabalho dos técnicos da Oficina de Restauro do Museu Calouste Gulbenkian, estas peças foram tratadas e recuperadas.

Este núcleo será apresentado pela primeira vez em conjunto na exposição *O Traço e a Cor. Desenhos e Aguarelas na Coleção Calouste Gulbenkian*, na Sala de Exposições

Temporárias do Museu. Até agora, estas peças têm apenas figurado em iniciativas de curta duração, devido aos cuidados de conservação que requerem. A sua apresentação acontece agora em sintonia com a publicação do catálogo dedicado ao sector dos desenhos e aguarelas da coleção. Ao todo, serão apresentadas cerca de quatro dezenas de desenhos, juntamente com duas dezenas de aguarelas.

Esta coleção é bastante reveladora do perfil do colecionador singular que foi Calouste Gulbenkian, que não se assumia como um verdadeiro *amateur de dessins*. Ele próprio o reconheceu, revelando que raras vezes comprava desenhos e que não se sentia especialmente atraído por estudos preparatórios para pinturas. Só quando se deparava com obras de qualidade excepcional e em perfeito estado de conservação se sentia impelido a comprar. Daí que este núcleo disponha de verdadeiras preciosidades de artistas como Dürer, Watteau, Boucher, Fragonard, Millet e Turner, entre outros. Nas memórias fotográficas do palacete que Calouste Gulbenkian comprou em Paris em 1922, entre as obras de arte que decoravam os espaços, surgem os melhores desenhos emoldurados e suspensos nas paredes das diversas divisões.

Serão expostos desenhos, juntamente com aguarelas, produzidos nos principais centros europeus (França, Holanda, Flandres, Inglaterra e Itália) entre o século XVI e o princípio do século XX. A proximidade do Colecionador com a cultura francesa justifica o número mais elevado de peças compradas com esta origem e produzidas maioritariamente no século XVIII. Apenas uma referência, pelo lugar que ocupa na exposição, ao conjunto de aguarelas ilustrativas das *Fábulas* de La Fontaine, realizadas por artistas franceses ou que viveram em França entre os séculos XIX e XX e que são, antes de mais, uma apologia ao uso da aguarela.



Jean Antoine Watteau (1684-1721), *Três Estudos da cabeça de uma jovem*



Giuseppe De Nittis (1846-1884). *Os Peixes E O Pastor Que Toca Flauta*. (Livro X, Fábula 10)

O interesse de Calouste Gulbenkian pelos desenhos e aguarelas de excepcional qualidade não se esgotou na aquisição de obras autónomas e está igualmente presente em muitos dos livros impressos que integram a sua magnífica biblioteca. Será também exposta uma seleção, ainda que restrita, de livros editados no século XVIII e maioritariamente nos séculos XIX e XX. ■

O Traço e a Cor

Desenhos e Aguarelas na Coleção Calouste Gulbenkian

27 junho - 21 setembro

Comissária: Manuela Fidalgo

Museu Calouste Gulbenkian – Galeria de Exposições

Temporárias

Meeting Point

Rembrandt e Paula Rego em diálogo no Museu Gulbenkian

Primero momento de uma iniciativa no espaço do Museu que pretende colocar em diálogo (ou confronto) as coleções do Museu Calouste Gulbenkian e do Centro de Arte Moderna. Com o título *Meeting Point*, este evento proporcionará o encontro de coleções e de públicos diferentes e uma ampliação dos significados das obras e dos seus autores. Rembrandt e Paula Rego foram os artistas convocados para iniciar este diálogo (*Figura de Velho*, 1645, e *O Tempo, Passado e Presente*, 1990), ensaio de uma narrativa que, pela primeira vez, traz a este espaço museológico um artista contemporâneo. Unidas pela abordagem do *tempo*, as obras em exposição permitem refletir sobre o modo como, em todas as épocas, os artistas trabalham de diferentes modos os mesmos temas, intemporais, através dos quais interrogam as perplexidades perante a vida e a morte. O desenvolvimento deste projeto e a entusiástica colaboração da artista permitiram expandir o conceito inicial, com o empréstimo de um desenho de Rembrandt da coleção do British Museum, obra inédita em Portugal, e de um estudo da pintura de Paula Rego, proveniente de uma coleção particular. ■



Rembrandt Harmensz van Rijn (1606-1669). *Figura de Velho*.



Rembrandt Harmensz van Rijn (1606-1669) atrib., *Homem Sentado com mulher* (Jacó E Raquel).



Paula Rego (1935). Desenho de estudo da pintura *O Tempo Passado e Presente*.



Paula Rego (1935). *O Tempo Passado e Presente*, 1990

Meeting Point

Rembrandt e Paula Rego em diálogo no Museu Gulbenkian

27 junho - 21 setembro

Curadoria: Helena de Freitas

Museu Calouste Gulbenkian

Arshile Gorky e a Coleção

Nova exposição da coleção do CAM, inspirada por quatro grandes temas: o retrato, a natureza-morta, o surrealismo e a abstração. Diversas obras de artistas portugueses como Amadeo de Souza-Cardoso, Mário Eloy, Vieira da Silva, Mário Cesariny ou Paula Rego, dialogam com a obra de Arshile Gorky (c. 1904-1948), artista de origem arménia, emigrado nos EUA em 1920. Gorky desenvolveu uma pintura que aliava abstração e surrealismo, constituindo um forte estímulo ao expressionismo abstrato americano do pós-Guerra. ■



Gorky, Sem título (Paisagem da Virgínia), (1943)

Arshile Gorky e a Coleção

5 junho - 31 maio 2015

CAM

Túlia Saldanha

A exposição de Túlia Saldanha (1930-1988) dá a conhecer a obra de uma das primeiras artistas a trabalhar, em Portugal, no campo da performance e da instalação. A sua formação artística teve lugar no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), sobretudo em pintura, mas cedo iniciou a construção de “ambientes” ou “envolvimentos” e de instalações, empreendendo ações performativas, muitas destas realizadas em colaboração ou no contexto de práticas colaborativas promovidas pelo CAPC, a cuja direção pertenceu. ■



Sem título, s.d. | Tinta acrílica sobre tela. Túlia Saldanha

Túlia Saldanha

5 junho - 28 de setembro

Curadoria: Liliana Coutinho e Rita Fabiana

CAM

Prospecto, Cena III, Intervalo e Cena IV

André Guedes (Lisboa, 1971) desenvolve um novo projeto para a Sala Polivalente e para a Galeria de Exposições Temporárias do CAM a partir da obra escrita de William Morris, como base de uma pesquisa que vai para além da obra deste autor, criando um novo espaço narrativo no qual cruza uma visão crítica com a história. ■

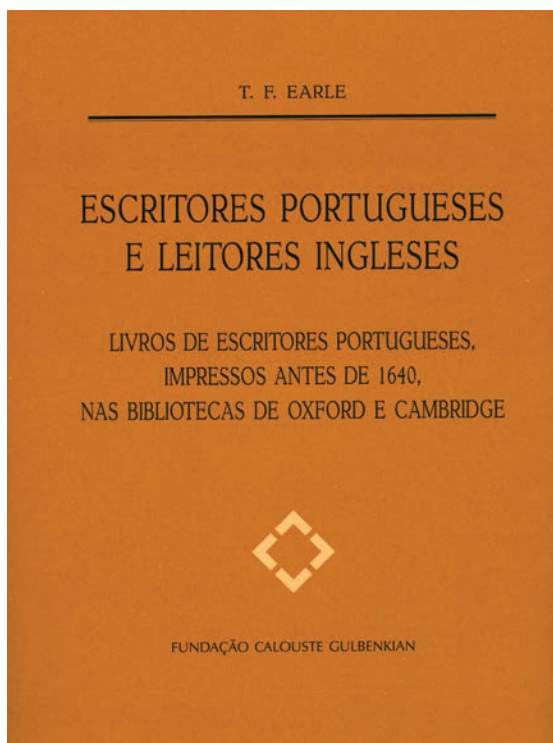
André Guedes

Prospecto, Cena III, Intervalo e Cena IV

5 junho - 21 de setembro

Curadoria: Luísa Santos

CAM



Escritores portugueses e leitores ingleses

Livros como o tratado de Garcia de Orta sobre as plantas medicinais do Oriente ou o dicionário trilingue – japonês, português e latim – impresso para o colégio japonês da Companhia de Jesus da ilha de Amakusa, perto de Nagasaki, foram obras de referência das bibliotecas de Oxford e de Cambridge no início da época moderna. Este é um dos muitos factos históricos desvendados por Thomas F. Earle nesta obra que tem como subtítulo “Livros de escritores portugueses, impressos antes de 1640, nas bibliotecas de Oxford e Cambridge”.

Autor de vários livros e outras publicações sobre literatura portuguesa, sobretudo do século XVI, T. F. Earle é professor emérito da Universidade de Oxford e um investigador da história e da cultura portuguesas destes períodos. Um prólogo, cinco capítulos e um catálogo resumido, mostram as obras escritas por portugueses que estão presentes nestas bibliotecas e que, à época, foram muito consideradas pelos seus membros. Apesar de tudo, como escreve T. F. Earle, “em Inglaterra, os historiadores modernos – com honrosas exceções, incluindo o próprio Jonathan Israel – parecem ter grande dificuldade em imaginar que Portugal tivesse uma tradição cultural, fosse ela qual fosse, e ainda menos que as suas criações se pudessem encontrar nas bibliotecas das velhas universidades inglesas”.

Este estudo pioneiro, agora dado à estampa na série de Cultura Portuguesa do Plano de Edições da Fundação Gulbenkian, revela números, temas e a forma como os livros chegaram às grandes e às pequenas bibliotecas dos vários *colleges* das duas universidades. No catálogo resumido, o leitor encontrará um levantamento de todos os exemplares das obras de autores portugueses impressos antes de 1640, seguido de uma extensa bibliografia elaborada pelo autor. ■

Outras Edições

ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO, vol. I e II (5ª edição)

John Locke

HIDRÁULICA (13ª edição)

António de Carvalho Quintela

MINERAIS CONSTITUINTES DAS ROCHAS – UMA INTRODUÇÃO (5ª edição)

W. A. Deer, R. A. Howie, J. Zussman

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

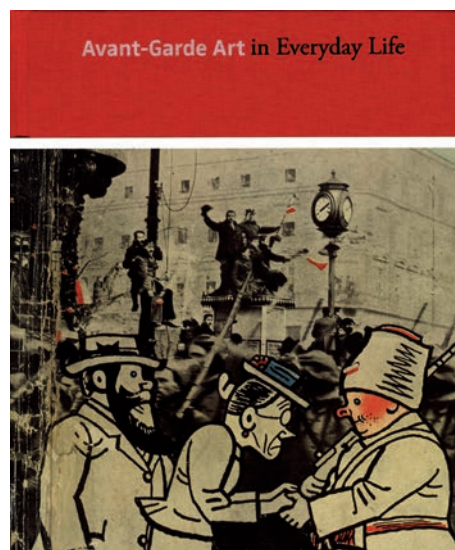
Magritte: *the mystery of the ordinary, 1926-1938* é uma das quatro exposições apresentadas nos espaços expositivos da The Menil Collection (Houston, Texas), até 14 de Junho. Seguidamente, viaja para Chicago para ser mostrada no Art Institute, entre 29 de junho e 12 de outubro, depois de já ter estado em Nova Iorque, no Museum of Modern Art (MoMA). Organizada por estas três instituições, esta exposição pretende explorar a evolução da obra do artista belga René Magritte (1898-1967) durante os anos de 1926 a 1938, anos de inovação intensa em que esteve envolvido com o movimento surrealista, mostrando algumas das estratégias que utilizou para fazer, nas suas próprias palavras, “os objetos do quotidiano gritarem em voz alta” (*everyday objects shriek out loud*) e abalar a percepção imediata que deles temos.

A exposição termina em 1938 com o texto autobiográfico *La ligne de vie* (A linha da vida), onde o artista realiza uma espécie de balanço do seu envolvimento com o Surrealismo. O catálogo com o mesmo título, editado pelo MoMA, com a responsabilidade editorial de uma das suas curadoras, Anne Umlund, está dividido em quatro partes, cada uma correspondendo à estadia de Magritte, respetivamente, em Bruxelas (1926-27), Paris (1927-30), novamente Bruxelas (1930-36) e Londres (1937-38), seguindo-se as reproduções das obras produzidas nesses anos. Os ensaios são da responsabilidade, para além de Anne Umlund, de Stephanie D’Alessandro, Michel Draguet e Claude Goormans e Josef Helfenstein com Clare Elliot (curadores dos museus organizadores) e contêm diversas fotografias do artista por aqueles anos. Completam o catálogo uma cronologia, a lista das obras expostas e uma bibliografia selecionada. ■



O Art Institute of Chicago organizou e apresentou, entre junho e outubro de 2011, uma exposição que colocou em destaque seis artistas cuja obra teve um papel relevante nos movimentos das vanguardas das décadas de 1920 e 30 do século XX na Europa. Intitulada *Avant-Garde Art in Everyday Life*, esta exposição mostrou cerca de 300 obras, sobretudo fotografias, fotomontagens, cartazes, livros e revistas, mas também algumas peças de cerâmica e vidro criadas pelo holandês Piet Zwart (1885-1977), pelos checos Ladislav Zútnar (1897-1976) e Karel Teige (1900-1951), pelo russo El Lissitzky (1890-1941), pelo lituano Gustav Klutskis (1895-1938) e pelo alemão John Heartfield (1891-1968).

Ligados ao Dadaísmo, ao Construtivismo e à Bauhaus, todos acreditaram entusiasticamente que, com as suas criações artísticas, podiam contribuir para melhorar diversos aspetos da vida quotidiana das populações. Desta exposição fica o catálogo coordenado por Matthew S. Witkosky, curador do departamento de Fotografia do Art Institute, que conta com ensaios de cinco outros autores, especialistas em Arte, História da Arte e Literatura, um para cada artista; profusamente ilustrado, completam-no a lista das obras expostas e uma bibliografia selecionada. ■



Centro de Arte Moderna

Garden of Wish Fulfilment

Arshile Gorky

Sobre um campo de cor espesso e opaco, criado, como era seu hábito, pela sobreposição de várias camadas de tinta que conseguem nesta pintura sugerir uma atmosfera translúcida e primordial, Gorky desenha os contornos de várias formas. O traço a negro, fino, rápido, irregular, é muito característico dos seus desenhos desta época, revelando como Gorky aprendeu a libertar a mão com a prática surrealista do desenho automático.

Em *Garden of Wish Fulfilment* (O Jardim da Realização dos Desejos), as formas evocam, de modo particularmente explícito e único na sua obra do período final, alguns modelos de arados arménios, e estão como que suspensas na composição, dispondo-se segundo o seu eixo horizontal. Apesar dos planos do desenho e da pintura parecerem bastante diferenciados, gerando uma visão mais distanciada do que noutras suas composições, Gorky consegue uni-los. Para o fazer utiliza a sua técnica única de tratamento da superfície pictórica, criando um espesso campo de cor desigual, texturado, que envolve as formas. Estas são desenhadas em equilíbrio dinâmico, reforçado pela utilização de manchas de cor – preto, vermelho e amarelo –, que não as preenchem na totalidade e se conjugam entre si.

Os investigadores da obra de Gorky são unânimes na referência ao início da década de 40 como um período fundamental de mudança no seu processo criativo. Louis Finkelstein aponta como principais causas dessa metamorfose criativa a conjugação entre o automatismo surrealista e a experiência sensorial direta da natureza. Para Finkelstein, este processo de abstração é idêntico ao da década de 30, que, no entanto, tinha sido utilizado dentro do contexto estilístico formal do Cubismo¹.

O contacto prolongado com o campo, a partir de 1942, e a “revelação do segredo do Surrealismo”² levam-no a novos

patamares de abstração, à criação das imagens “híbridas”, na célebre designação de André Breton, nascidas da conjugação da visão com a fantasia e a improvisação. Outro fenómeno simultâneo, e provavelmente relacionado com este, ocorre. Ao libertar a mão, ao deixar fluir esta iconografia inesperada que lhe é revelada pela observação quase microscópica da natureza, a cabeça imersa na relva, os sentidos despertos pela incessante atividade de miríades de organismos vivos, Gorky liberta a evocação pictórica das suas memórias da Arménia e da dolorosa experiência de perda e rutura que viveu tão novo. Nesta pintura, que parece ter destinado à sua irmã mais nova e mais próxima, Vartoosh Mooradian, essa memória está como que sublimada e simplificada. As formas são reconhecíveis, numa atmosfera docemente evocativa do passado comum. ■

Ana Vasconcelos e Melo

¹ Finkelstein citado por Melvin P. Lader, “What the drawings reveal. Some Observation on Arshile Gorky’s Working Method”, in Janie C. Lee e Melvin P. Lader, *Arshile Gorky. A Retrospective of Drawings*, Nova Iorque, Whitney Museum of American Art and Harry N. Abrams, 2003, p. 42.

² “Arshile Gorky – for me the first painter to whom the secret (of Surrealism) has been completely revealed!”, Breton citado por Janie C. Lee, “Arshile Gorky. The Power of Drawing”, in idem, *ibidem*, p. 63.

Arshile Gorky (c. 1904-1948)

Garden of Wish Fulfilment, (1944)

Óleo sobre tela

74 x 103 cm

Inv. 85PE69 – Coleção do CAM

Fundação Calouste Gulbenkian



Venda de assinaturas



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

MECENAS
CICLO GRANDES INTÉRPRETES



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

